



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

DANDARA EMILLY SILVA CHAGAS

VIDA COTIDIANA E ALIENAÇÃO: FUNDAMENTOS PARA PROBLEMATIZAÇÃO
DA ESTRUTURA SINCRÉTICA DO SERVIÇO SOCIAL

JOÃO PESSOA

2020

DANDARA EMILLY SILVA CHAGAS

VIDA COTIDIANA E ALIENAÇÃO: FUNDAMENTOS PARA PROBLEMATIZAÇÃO
DA ESTRUTURA SINCRÉTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Serviço
Social, sob orientação do Prof. Dr.
Jamerson Murillo Anunciação de Souza.

JOÃO PESSOA

2020

DANDARA EMILLY SILVA CHAGAS

VIDA COTIDIANA E ALIENAÇÃO: FUNDAMENTOS PARA PROBLEMATIZAÇÃO
DA ESTRUTURA SINCRÉTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Serviço
Social, sob orientação do Prof. Dr.
Jamerson Murillo Anunciação de Souza.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jamerson Murillo Anunciação de Souza (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Me. Liana Amaro Augusto de Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Sitcovsky Santos Pereira
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho *in memoriam* de Rita de Sousa Silva, minha avó materna, cuja coragem, força e generosidade sempre me inspiraram a buscar meus sonhos incansavelmente. Nunca esquecerei de sua fé em mim, a ti todo meu amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a minha família, principalmente minha mãe Ednalba e a minha irmã Damara por serem ambas mulheres incríveis em minha vida e nunca deixarem eu me abater com os percalços da vida, sendo referenciais de força, garra e companheirismo.

Agradeço aos meus colegas de sala, turma 2015.2, por compartilharem tanto conhecimento e companheirismo no decorrer da formação profissional, principalmente Ana Luiza, Noelle e Edson por serem parceiros de seminário e sempre estarem dispostos a compartilhar palavras amigas entre cafés nos intervalos das aulas.

Agradeço imensamente às mulheres maravilhosas do GEPSS, cuja troca e parceria me transformaram profundamente enquanto mulher numa sociedade patriarcal e machista. Há braços de luta onde quer que eu vá.

Obrigada aos membros do GEPECON, cujo intercâmbio de conhecimento foram responsáveis pelas abstrações mais qualitativas que realizei e cujos debates fizeram surgir os mais instigantes interesses de pesquisa.

Obrigada a todos do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da UFPB por me acolherem tão bem e ensinarem tanto sobre tudo. Principalmente às professoras Nazaré Zenaide e Marlene França, as experiências trocadas ali farão parte de mim para sempre.

Obrigada a todos os profissionais que fazem o programa Bolsa Família de João Pessoa, cuja experiência de estágio foi crucial em minha formação profissional e através da qual pude compreender melhor as contradições da nossa profissão.

Agradeço aos amigos que fiz no curso, principalmente devido ao movimento estudantil: Odaíza, Pâmela, Pedro, Maria, Paloma, Carol, Ozivan entre outros cujas risadas e angústias compartilhadas tornaram amenas as inquietações do curso.

Agradeço a todos os professores e professoras do departamento de Serviço Social da UFPB por contribuírem para a minha formação profissional, em especial as

professoras Nívia Pereira, Patrícia Barreto, Márcia Emília, Nazaré Zenaide, Mauricélia Cordeira e Tiana Borba pelos incentivos e cuja maneira de exercer a docência me inspiram profundamente.

Agradeço a meu orientador Jamerson pelo excepcional trabalho de orientação acadêmica, por compreender meus anseios de pesquisa e guiado meus esforços no caminho para a realização de um trabalho complexo e difícil, além do incentivo em continuar na carreira acadêmica e realizando pesquisa em tempos tão difíceis para aqueles comprometidos em compreender a realidade social. Será para sempre uma referência intelectual para mim.

Agradeço imensamente aos amigos que fiz em João Pessoa e nesta caminhada: Mirela, Nicole, Ângela, Ana, Lian, Albanísia, Raphael, Isa, Caio, Danilo, Bruno, Adailton, Alberson, Diego, Isaías, Keilla, Laurentino, Lucas, Niewman, Yris, Joomps e tantos outros que se tornaram minha família longe de casa e cujo afeto trocado fizeram menores as dificuldades da vida.

A Exceção e a Regra de Bertolt Brecht

As afinidades eletivas de J. W. Goethe

RESUMO

Este estudo pretende analisar a relação existente entre Vida Cotidiana, Alienação e Serviço Social na sociabilidade burguesa. Desta forma, tem por objetivo: identificar as principais categorias e características que fazem parte da cotidianidade; Apreender de que forma o fenômeno da alienação se manifesta na vida cotidiana; e resgatar os fundamentos da sociabilidade burguesa mediante a categoria do trabalho alienado, bem como sua relação com o processo de decadência ideológica e tais influências para o Serviço Social. Assim, esta pesquisa se configura como teórica, de caráter bibliográfico e natureza qualitativa. O método de análise utilizado foi o materialismo histórico dialético, por se considerar como o que mais se aproxima de uma apreensão real dos fenômenos a serem investigados, uma vez que tal método se baseia na materialidade histórica da sociedade capitalista. Como resultados da investigação empreendida, identificamos uma relação existente entre cotidiano, alienação e Serviço Social, principalmente através do sincretismo, cujas categorias que perpassam a reprodução social incidem na prática profissional do assistente social.

PALAVRAS CHAVE: Vida Cotidiana. Alienação. Serviço Social. Sincretismo.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relationship between everyday life, alienation and social work in bourgeois sociability. Thus, it aims to: identify the main categories and characteristics that are part of everyday life; To understand how the phenomenon of alienation manifests itself in everyday life; and to rescue the foundations of bourgeois sociability through the category of alienated labor, as well as its relationship with the process of ideological decay and such influences for Social Work. Thus, this research is configured as theoretical, of bibliographic character and qualitative nature. The method of analysis used was historical dialectical materialism, as it is considered to be the closest to a real apprehension of the phenomena to be investigated, since this method is based on the historical materiality of capitalist society. As a result of the research undertaken, we identified an existing relationship between everyday life, alienation and Social Work, mainly through syncretism, whose categories that permeate social reproduction affect the professional practice of the social worker.

KEY WORDS: Everyday Life. Alienation. Social Work. Syncretism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 PROBLEMAS DA VIDA COTIDIANA: CATEGORIAS E MEDIAÇÕES FUNDAMENTAIS NA ESTÉTICA E NA ONTOLOGIA DE LUKÁCS.....	17
1.1 A CONEXÃO TEORIA E PRÁTICA NO COTIDIANO.....	25
1.2 ALIENAÇÃO NO COTIDIANO.....	32
1.3 ALIENAÇÃO POLÍTICA.....	42
2 CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DA REPRODUÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE BURGUESA: ALIENAÇÃO E COTIDIANO NO CAPITALISMO.....	47
2.1 TRABALHO ALIENADO E DECADÊNCIA IDEOLÓGICA.....	54
3 O COTIDIANO COMO UMA QUESTÃO PARA O SERVIÇO SOCIAL.....	61
3.1 COTIDIANO E SERVIÇO SOCIAL.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um pré-requisito parcial para a obtenção do bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e tem por objetivo discutir a relação entre cotidiano, alienação e Serviço Social.

O percurso realizado durante os quase cinco anos de formação profissional foram imprescindíveis para o acúmulo aqui utilizado e constituíram-se como valorosos não só profissionalmente, mas na formação enquanto ser social. Inicialmente a aproximação com a extensão universitária nos dois primeiros anos da graduação permitiu uma leitura da universidade pública e seu papel na sociedade condizentes com a perspectiva de popularização do conhecimento. Além disso, os projetos e ações de extensão coordenados pela professora Nívia, todos voltados para a discussão de gênero e feminismo proporcionou não apenas a criação de laços com mulheres cujas experiências de vida e trocas de visões de mundo foram relevantes para uma transformação radical no que diz respeito ao modo de ver a sociedade, mas também a aproximação com a perspectiva do feminismo marxista como vertente teórica.

No ensino, as discussões realizadas nas disciplinas e principalmente os conteúdos ministrados despertaram diversas inquietações enquanto assistente social em formação, mas também enquanto pesquisadora. O eixo de fundamentos do projeto pedagógico de ensino foi particularmente instigante, principalmente devido à problematização das bases da profissão e a abordagem histórica que nos permite dialogar com os aspectos conjunturais. Ademais, as disciplinas de Economia Política e Trabalho e Sociabilidade foram as de maior impacto na constituição dos interesses de pesquisa, a primeira por ter sido cursada no segundo semestre e proporcionado a primeira aproximação com os escritos marxianos e marxistas, promovendo uma ruptura com a concepção de sociedade formulada anteriormente à graduação e a segunda pela introdução a algumas categorias de análise instigantes

como Ideologia, teleologia, exteriorização e ao pensamento de György Lukács através dos escritos de Sergio Lessa.

Um dos pré-requisitos parciais para a obtenção do grau de bacharel é a realização de dois semestres de estágio supervisionado obrigatório, cuja experiência foi proporcionada no Programa Bolsa Família da capital paraibana. O estágio permitiu o contato com elementos da prática profissional, assim como com assistentes sociais comprometidas com o projeto ético-político profissional que fizeram a experiência muito valiosa. As problemáticas observadas, consolidaram a perspectiva de que não se observa a máxima “na prática a teoria é outra”, o que existe de fato são contradições inerentes à prática profissional cotidiana e dificuldades na materialização do Projeto ético-político, devido a diversos fatores, muito dos quais discutiremos nesse trabalho, a exemplo do sincretismo.

Outra experiência contributiva na formação profissional foi o estágio curricular não obrigatório realizado por dois anos no Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos (NCDH-UFPB), cujos projetos desenvolvidos, em sua maioria de extensão, aproximaram de realidades profissionais diversas e proporcionaram o trabalho interdisciplinar nos projetos com advogados, pedagogos, psicólogos, historiadores e que contribuíram significativamente para a expansão dos horizontes de reflexão.

A experiência de monitoria na disciplina de Formação Social do Brasil por dois semestres, contribuiu não apenas para a aproximação com a docência mas também para compreender as problemáticas internas ao curso de Serviço Social da UFPB, principalmente devido ao trabalho realizado numa turma vespertina e uma noturna, em que observou-se atentamente a experiência de formação cujos discentes a vivência se diferenciam.

É importante também lembrar o período compondo o Centro Acadêmico de Serviço Social, cuja vivência junto ao MESS (Movimento estudantil de Serviço Social) propiciou a apreensão das contradições envolvendo movimentos sociais bem como as diversas especificidades das outras escolas de Serviço Social do Nordeste além de, obviamente, ter encontrado companheiras e companheiros de luta.

Finalmente, os debates realizados no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conservadorismo (GEPECON) fomentaram ainda mais o interesse pelos fundamentos da profissão mas também proporcionaram a compreensão da importância de fazer uma boa análise de conjuntura (e o quanto isso é difícil).

Diante dessa breve explanação do percurso trilhado, é fácil compreender como os interesses de pesquisa e empolgação diante de diversas experiências vivenciadas se tornaram múltiplos e instigantes, o que poderia ter dificultado a escolha de uma temática para o TCC, o que não ocorreu. Se por um lado tais interesses de pesquisa e contato com diversas temáticas não foram suficientemente inquietantes para serem abordadas (por hora) num trabalho monográfico, por outro contribuíram significativamente para a formação profissional e enquanto ser social, além de fornecer diversas mediações que farão parte não só das abordagens teóricas, acadêmicas e profissionais mas também das visões de mundo.

A escolha do tema partiu do interesse em compreender os processos de transformação contemporâneos da sociedade brasileira vivenciados no período de realização da graduação, principalmente entre os anos de 2016 e 2020, em que ocorreu uma ascensão do conservadorismo e da extrema-direita no país.

Os debates realizados giravam frequentemente em torno da *aparente* incapacidade de setores da sociedade brasileira, em especial a classe trabalhadora mais explorada, de “enxergar” e se levantar contra os desmontes das políticas sociais que se encontravam e se encontram em curso, bem como em torno dos desafios que se colocariam ao serviço social como resultado desses processos.

As inquietações em torno de tais debates fizeram surgir o interesse por compreender a problemática do cotidiano e da alienação, pensados como influenciadores diretos na sociedade e como muitas vezes eram usados levemente como justificativas da falta de mobilização popular, principalmente a alienação. A partir disso se fez urgente a necessidade de apreensão profunda dessas problemáticas e a consequente escolha como temática de pesquisa monográfica.

A atual conjuntura, cujas transformações operacionalizadas pelo neoliberalismo faz incidir na realidade modificações no mundo do trabalho, a destruição de direitos sociais e reorganização na estrutura e nas funções desempenhadas pelo Estado, principalmente no sentido de criminalização da pobreza. Somado a isso temos a utilização do conservadorismo como ideologia, fomentando discursos racistas, machistas, LGBTQfóbicos, xenofóbicos, que se espraia pela sociedade.

Todos esses aspectos conjunturais impõem demandas para a organização coletiva da sociedade e para a profissão, não só no campo da prática profissional mas também no sentido de produzir conhecimento acerca desses fenômenos contemporâneos que possam ao mesmo tempo que forneçam elementos para se pensar a realidade, se produzam com responsabilidade teórica afim de ir nas raízes dos problemas observados.

No decorrer da pesquisa, de forma dialeticamente construída, a aproximação com a categoria do cotidiano e da alienação fez surgir a problemática destes inseridos no contexto do Serviço Social, e de que forma eles eram tratados, o que nos levou à inserção da discussão na profissão.

Essa pesquisa, se faz relevante principalmente pela necessidade de compreensão de tal objeto, principalmente o cotidiano, cujas investigações frequentemente perpassam uma abordagem fenomenológica, tornando os fenômenos analisados de pouca importância. A análise atravessando o Serviço Social, contribui para o aprofundamento da compreensão de fenômenos como sincretismo e ecletismo na profissão, o que torna a pesquisa importante na produção de conhecimento e contributiva no debate profissional.

O objetivo geral dessa pesquisa é o de analisar a correlação entre cotidiano, alienação e Serviço Social e como isso influencia o Sincretismo na profissão, bem como demonstrar que tal base sincrética não é exclusiva do Serviço Social, mas parte constitutiva das ciências sociais e das profissões que nela se baseiam.

De forma mais específica, pretendemos realizar um mapeamento das principais características e categorias que constituem a vida cotidiana, além de

analisar de que forma o fenômeno da alienação atua na cotidianidade, a fim de apreender os diferentes tipos de alienação e contribuir para a desmistificação do uso da categoria. Ademais, pretendemos fazer um resgate dos fundamentos do trabalho no modo de produção capitalista, de modo que contribua para a compreensão da centralidade do trabalho na sociabilidade burguesa e de sua importância para a cotidianidade e o Serviço Social.

A metodologia de análise realizada será uma abordagem qualitativa, com base numa pesquisa bibliográfica e exploratória, tendo por base o materialismo histórico-dialético e as elaborações teóricas tanto marxianas, quanto marxistas, com o intuito de realizar uma investigação da realidade em sua totalidade. A escolha do materialismo histórico enquanto método de análise se deu principalmente pela compreensão da capacidade de aproximação do método ao objeto de análise escolhido, tendo em vista sua complexidade.

Ademais, a utilização prioritária de Lukács em seus escritos, a Ontologia e a Estética se configurou como escolha de pesquisa a ser feita tendo em vista as contribuições do pensador à temática analisada bem como a valorosa transformação que se operou no marxismo após sua *ontologia*, com o tratamento profundo de categorias de análise essenciais para a compreensão da realidade, como a ideologia. Além disso, as contribuições lukacsianas se mostram valiosas para a profissão, principalmente se compreendermos a influência delas na produção de José Paulo Netto, cujos escritos se mostram particularmente complexos, mas que após uma leitura lukacsiana se tornam mais compreensíveis.

Os procedimentos metodológicos realizados foram de leituras de livros, artigos, dissertações e priorizados os escritos de autores cuja contribuição teórica se fez mais proeminente. Para a exposição do trabalho, dividimos seu conteúdo em três capítulos:

O primeiro capítulo será composto por quatro partes: na primeira buscaremos caracterizar e contextualizar de forma geral o que é a vida cotidiana, também trazendo algumas categorias de composição. Na segunda parte discutiremos a conexão entre teoria e prática, considerada a principal característica da vida

cotidiana. Na terceira parte abordaremos a alienação na vida cotidiana, buscando discutir a forma específica pela qual ela se dá na cotidianidade. Na quarta nos dedicaremos a discutir a alienação política. Pela complexidade e objetivo de discutir as principais categorias da vida cotidiana, o capítulo se construiu de forma a compor mais páginas que os subsequentes.

O segundo capítulo será dividido em duas partes: no primeiro faremos um resgate dos fundamentos do trabalho alienado sob o modo de produção capitalista. Na segunda parte relacionaremos o processo de fundamento da sociedade burguesa e o processo de decadência ideológica da burguesia,, suas consequências e impactos no desenvolvimento da sociedade burguesa.

O terceiro capítulo será dividido em duas partes: na primeira discutiremos as origens do Serviço Social, principalmente o Sincretismo e o Ecletismo, correlacionando-os com o processo de decadência ideológica. Na segunda parte discutiremos a relação entre cotidiano e Serviço Social, apontando as determinações e limitações existentes entre eles.

Assim, esperamos que este trabalho contribua significativamente para a produção de conhecimento no Serviço Social, bem como para o fomento dos debates aqui iniciados.

1 PROBLEMAS DA VIDA COTIDIANA: CATEGORIAS E MEDIAÇÕES FUNDAMENTAIS NA ESTÉTICA E NA ONTOLOGIA DE LUKÁCS

Dentre os autores da tradição marxista, talvez o que mais sistematicamente contribuiu para a discussão da vida cotidiana tenha sido o filósofo húngaro György Lukács. Apesar de não ter teorizado prioritariamente sobre a problemática do cotidiano, seus escritos sobre a *Ontologia do Ser Social* (1978) e sobre a *Estética* (1966) trouxeram importantes perspectivas de análise para traçarmos um panorama sobre a vida cotidiana. O autor assume que a vida cotidiana é parte constitutiva da história das sociedades, sendo muito mais que um simples conceito ou abstração teórica, ao contrário, trata-se de um campo de mediações das mais diversas, constituindo-se numa categoria, na acepção de Marx e, portanto, sendo também passível de investigação científica¹.

O cotidiano, no pensamento lukcasiano, juntamente com a ciência e a arte, são reflexos da realidade objetiva, tendo esses últimos uma configuração diferente do reflexo cotidiano, fazendo com que se desenvolvam de forma mais sofisticada no curso histórico. O aperfeiçoamento e essa peculiaridade do reflexo artístico e científico se dá porque são exigidos de ambos o cumprimento cada vez mais preciso e completo das suas funções sociais, funções essas que visam atender necessidades oriundas da vida cotidiana e que, uma vez sendo atendidas, retornam à ela enriquecendo-a, aprofundando-a e desenvolvendo-a. (LUKÁCS, 1966)

A discussão ontológica do ser social realizada por Lukács, promoveu a construção de uma ontologia marxista/materialista, diferente, pois, das concepções ontológicas até então formuladas pelos filósofos das mais variadas posições idealistas. Fornecendo-nos uma concepção ontológica materialista, isto é: extraindo das formas concretas assumidas pelo desenvolvimento histórico, as categorias

¹ A este propósito sugerimos a leitura do texto “Cotidiano e Conhecimento” da Profa. Norma Alcântara presente no livro “Trabalho, Educação e formação humana frente à necessidade histórica da revolução” publicado em 2015 pelo Instituto Lukács. Nele, é discutido mais profundamente a cotidianidade como campo de produção de conhecimento e as problemáticas presentes nele.

próprias produzidas pelas relações sociais, que se vinculam ao modo de produção e ao desenvolvimento das forças produtivas, o autor húngaro não apenas divergiu das representações fornecidas por correntes gnosiológicas como também nos deu elementos para pensarmos a realidade de forma crítica e passível de transformação.

Ao discutir ontologicamente o ser social, Lukács aponta que este se divide em dois momentos que se encontram contrapostos entre si e que são heterogêneos: o ser e seu reflexo na consciência. Neste reflexo da realidade “a representação destaca-se da realidade retratada, se coagulando em uma ‘realidade’ própria na consciência” (LUKÁCS, p.30, 2018). Todavia, tal representação não pode jamais ser considerada idêntica à realidade que a mesma reproduz:

O reflexo possui, portanto, uma peculiar posição contraditória: por um lado, é estrita oposição de todo ser justamente porque é reflexo e, não, ser; por outro lado e ao mesmo tempo, é o veículo para o surgimento da nova objetividade no ser social, para a reprodução deste em um patamar igual ou superior. Com isso, a consciência que reflete a realidade recebe um certo caráter de possibilidade. (LUKÁCS, p.31, 2018)

Os resultados da ciência e da arte constantemente lançam-se na vida e pensamento cotidiano, são muitas vezes incorporados no senso comum, o enriquecem geralmente na medida em que se convertem em elementos cada vez mais importantes na prática cotidiana.

Assim diz o autor: “Se queremos estudar o reflexo na vida cotidiana, na ciência e na arte, interessando-nos por suas diferenças, temos de recordar sempre claramente que as três formas refletem a mesma realidade.” (LUKÁCS, p.35, 1966)

Para Lukács o cotidiano é o lócus das ações humanas, o lugar da vida do ser social onde se gestam as formas superiores de produção e reprodução da realidade, uma esfera insuperável determinada pelo “estado da estrutura de classes e da luta de classes” (pg.656):

Assim como a estrutura e o desenvolvimento econômicos da sociedade fornece a base objetiva dos fenômenos, assim a ontologia da vida cotidiana fornece aquele *médium* versátil da imediatidade, que no caso da maioria dos homens é a forma que os coloca concretamente em comunicação com as tendências espirituais do seu tempo. (LUKÁCS, p. 637-638, 2013)

Nessa perspectiva, o autor marxista já nos aponta que para analisarmos de forma correta a ontologia da vida cotidiana devemos nos deter aos aspectos mais determinantes que permeiam a essência da vida social e que estão na base de todo pôr teleológico vinculado à práxis do homem cotidiano. Aqui optamos por tomar emprestada a expressão utilizada por Lukács *ontologia da vida cotidiana*, esta compreendendo o processo de análise das esferas que compõem a realidade e o ser social e que segundo o autor, careciam de serem compreendidas em seu caráter ontológico, o que consequentemente propicia respostas mais efetivas aos problemas encontrados nessa discussão.

A práxis humana é baseada segundo o autor, no processo unitário constituído de um lado pela objetivação do objeto e do outro pela exteriorização do sujeito. (LUKÁCS, 2018).

Lukács aponta o trabalho como um fator determinante² na constituição da cotidianidade e do conhecimento produzido nela, pois, dado seu estatuto ontológico “o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na medida em que nesta — mesmo se através de mediações muito extensas - sempre são realizadas posições teleológicas, por último materiais.” (LUKÁCS, 2018, p.12)

O trabalho, portanto, se torna modelo de toda práxis pois se trata de uma posição teleológica que é experimentada pelos seres sociais e que, portanto, é inerradicável. Essa característica produz uma generalização da influência dessa posição teleológica à todas as feras da vida social e sua já mencionada importância.

Ao resgatar a discussão marxiana Lukács classifica o trabalho como uma atividade humana na medida em que o resultado do processo de trabalho já existe idealmente na imaginação do ser social. Essa *prévia idealização* constitui o que o autor denomina como *teleologia* e que para ele é a “a categoria ontológica central do trabalho: através do trabalho é realizada uma posição teleológica no interior do ser material como o nascimento de uma nova objetividade.” (LUKÁCS, p.12, 2018)

² Determinante aqui corresponde ao aspecto de centralidade do trabalho na história como constituinte do Ser Social, seu conteúdo ontológico.

Essa compreensão inicia-se na discussão do processo que se entende como objetivação, pois o movimento progressivo da sociedade desenvolve sistemas de objetivações que embora se alegue autonomia quanto à vida cotidiana, se encontram sem dúvida em interação ininterrupta e cada vez mais rica com ela, de modo que não é possível imaginar nossa própria vida diária sem essas objetivações. (LUKÁCS, 1966)

Objetivação na perspectiva lukasiana, diz respeito ao processo de compreensão do objeto no plano ideal e a transformação da realidade apreendida tendo em vista uma finalidade idealizada previamente. Nesse processo o ser social realiza o pôr teleológico que, mediante a objetivação, se concretiza na materialidade se tornando uma nova objetividade. “Cada movimento e cada reflexão do trabalho em curso (ou antes) são dirigidos, em primeiro lugar, a uma objetivação, isto é, a uma transformação teleologicamente adequada do objeto do trabalho” (LUKÁCS, 2013, p.564)

Segundo Lukács, objetivação e exteriorização são produtos ontológicos de um ato unitário que, entretanto, no exercício de suas diferenciações histórico-sociais, apresentam diferenças ontológicas reais. Essa diferenciação essencial repousa no fato de que a:

Relação-sujeito-objeto em si homogênea, que está na base de sua unidade, efetua na objetivação uma alteração no mundo objetivo na direção de seu tornar-se-social, enquanto a exteriorização fomenta o veículo do desenvolvimento do sujeito na mesma direção. (LUKÁCS, p.361, 2018)

A exteriorização compreende justamente o momento no processo de trabalho em que o ser social tem sua subjetividade confrontada pela objetividade exterior à ele e pelo que Lukács denomina como causalidade. Na exteriorização, as posições teleológicas *retroagem* sobre os indivíduos que realizam o pôr teleológico, sendo responsável pelo processo de formação da personalidade humana:

A exteriorização, contudo, por toda a sua socialidade, também porta, por sua essência, os traços de uma singularidade, a objetivação de uma posição singular e tem, ao mesmo tempo, mediada através dessa objetivação uma força retroativa sobre o desdobramento da individualidade dos seres humanos em sociedade. (LUKÁCS, 2018, p.364)

É importante nesse ponto da discussão abriremos um breve diálogo a respeito da causalidade, pelo lugar que ela ocupa no trabalho em sentido ontológico bem como pelos processos que dela derivam na vida cotidiana do ser social. Para Lukács, a causalidade mantém uma relação inseparável com a teleologia, e que embora sejam opostas, ao interagirem com a realidade no interior de um processo unitário fazem com que a causalidade sem alteração da sua essência, se transforme em causalidade posta. (LUKÁCS, 2018.P 16)

A essência da causalidade “é um princípio de automovimento autoposto que preserva este seu caráter mesmo quando uma série causal tem seu ponto de partida em um ato de consciência” (LUKÁCS, p.13, 2018) Ou seja, a causalidade *natural* diz respeito aos processos que ocorrem e que se desdobram por si mesmos na natureza. A transformação de causalidade *natural* em causalidade *posta* só é possível através de atos teleológicos postos pelo ser social, e que, portanto, só são possíveis através do trabalho:

A cadeia causal na natureza desdobra-se “por si mesma”, de acordo com a sua própria, naturalmente inerente, necessidade de “se... então”. No trabalho, portanto, como vimos, não é apenas posta teleologicamente a finalidade, mas também a cadeia causal que é realizada tem de se transformar em uma causalidade posta. (LUKÁCS, p.35, 2018)

A transformação de causalidade natural em causalidade posta recebe influência de uma categoria fundamental que possui sua gênese também no processo de trabalho, a alternativa. Seu surgimento acompanha o surgimento do ser social, a partir do momento em que o homem primitivo realiza escolhas conscientes sobre os instrumentos para a realização de determinado pôr teleológico. Quando inicialmente o ser primitivo escolhe entre ferramentas aquela que lhe parece mais adequada para realização da ação que chegará ao resultado previamente idealizado, ele está realizando uma escolha entre alternativas postas pela objetividade material. Tal escolha está sendo realizada baseada em um ato de consciência, em seu pôr teleológico e não puramente em um caráter biológico.

A alternativa, igualmente um ato de consciência, é, portanto, a categoria mediadora, com a ajuda da qual o reflexo da realidade se torna o veículo do pôr de um existente. Com isto é salientado que, no trabalho, esse existente é sempre algo natural e essa qualidade

natural jamais pode ser completamente superada. (LUKÁCS, p.36, 2018)

Aqui o autor reafirma o caráter insuperável da essência³ da causalidade: mesmo sendo submetida aos efeitos transformadores do pôr teleológico, as causalidades no processo de trabalho jamais poderão ser eliminadas, daí se origina a incapacidade de dominação absoluta do ser humano sobre a natureza.

A causalidade se torna cada vez mais posta, pois, mediante as alternativas postas e escolhidas pelo sujeito que objetiva determinado fim em sua posição teleológica inicial: “A alternativa se estende, portanto, a partir de uma atividade correta ou incorreta, até trazer à vida categorias que apenas pelo processo de trabalho tornam-se formas de realidade” (LUKÁCS, p.36, 2018)

A alternativa enquanto categoria fundada no trabalho, se espraia em todos os âmbitos do ser social, existindo enquanto cadeia de alternativas no interior da práxis social:

a alternativa revela ainda mais nitidamente sua verdadeira essência: ela não é um ato isolado de decisão, mas um processo, uma cadeia ininterruptamente temporal de alternativas sempre novas. Se se reflete, mesmo que ainda tão superficialmente, sobre qualquer trabalho — e mesmo sendo ele tão primitivo —, deve-se enxergar que não se trata jamais meramente de um executar mecânico de uma posição de finalidade. (LUKÁCS, p.35, 2018)

Aqui temos afirmado o caráter insuperável das alternativas, ainda que extremamente controlado e regulado a execução de uma finalidade, a alternativa está sempre presente no ato de reflexão do pôr teleológico. Tal prerrogativa, é essencial para entendermos os processos de transformação da sociedade, pois os nexos causais colocados em movimento pelas escolhas dos sujeitos, resultam por vezes em fins diametralmente opostos daqueles pensados à priori, daí a máxima colocada por Lukács em que “a mudança não se efetua sem alternativas” (p.585, 2013)

É certo, pois, que os pores teleológicos e os nexos causais estão inter-relacionados de forma dinâmica e em constante atividade, a isto Lukács

³ Essência aqui compreendida como a continuidade dos processos, ainda que eles operem mudanças, existe uma “duração na mudança” (LUKÁCS, 2013, p.396). Para Lukács pois, “A continuidade é por natureza traço essencial de todo ser” (LUKÁCS, 2013, p. 206)

denominou de *processualidade*, que nisto: de um lado os pores e do outro os nexos causais que eles põem em marcha. (LUKÁCS, 2013)

Essa processualidade é caracterizada por estar em constante movimento, ocorrendo de modo diversificado e desigual, frequentemente carregado de contradições. É através desse processo, ou seja, da inter-relação entre pôr teleológico e cadeia causal posta, que ocorre com frequência do resultado do pôr teleológico resultar em algo diferente do que foi pretendido de início. Esse momento específico em que a finalidade do pôr teleológico está submetida à causalidade posta em movimento justamente por esse pôr, Lukács denominou de *períodos das consequências*. (LUKÁCS, p.636, 2013)

Esse período de consequências não está limitado exclusivamente ao pôr teleológico, nele está contido cada vez mais cadeias causais postas, que assumem um caráter de imprevisibilidade e muitas vezes se tonam incontroláveis os resultados que delas possam surgir. É daí que surge a importância, e cada vez mais intensa, a presença do *acaso* na vida cotidiana.

Lukács reconhece que a vida humana, sua prática e suas reflexões são inimagináveis sem objetivação e que “o modo de comportamento dos homens depende essencialmente do grau de objetivação de sua atividade.” (LUKÁCS, 1966, pg.74). Todavia, é ressaltado que a principal dificuldade na análise da vida cotidiana se dá pelo fato de que ela não possui objetivações tão “fechadas” quanto a ciência e a arte, mas que essencialmente as ações mais básicas realizadas na vida humana possuem aspectos de objetivação (LUKÁCS, 1966a)

O trabalho, como fundamento ontológico do ser social, toma centralidade também na discussão do cotidiano na perspectiva lukcasiana, já que para o autor os momentos constitutivos do processo de trabalho determinam o reflexo da realidade objetiva na consciência do ser social, consciência aqui entendida como aquela que regula a vida do ser social na cotidianidade. Essa consciência

Relativa às tarefas, ao mundo, ao próprio sujeito, brota da reprodução da própria existência, como instrumento indispensável de tal reprodução. Essa consciência se torna certamente mais difusa, sempre mais autônoma, e, no entanto, continua ineliminavelmente, embora através de muitas mediações, em última análise, um

instrumento da reprodução do próprio homem. (LUKÁCS, 2013, p. 87)

Segundo o autor, o trabalho é o “veículo para criação do ser humano como ser humano” (LUKÁCS, 2018, p.44), já que enquanto ser biológico ele é um produto do desenvolvimento natural. A partir do momento da sua autorealização, ocorre um afastamento da barreira natural, sem contudo, o seu desaparecimento.

Esse afastamento das barreiras naturais trata-se do processo de transformação dos objetos naturais, das circunstâncias que se operacionaliza essa transformação, das modificações da atividade dos seres sociais etc. no sentido de se tornarem cada vez mais sociais. O afastamento é pois, “o constante fortalecimento tanto quantitativo como qualitativo das forças, relações, categorias, leis etc. especificamente sociais.” (LUKÁCS, 2013, p.193)

Ocorre então a transformação da natureza pelo ser através do trabalho e a sua autotransformação em outro ser, autofundado: o ser social. (LUKÁCS, 2018):

Como todo ser vivo, o ser humano é por natureza um ser que responde: o entorno põe, à sua existência, à sua reprodução, condições, tarefas etc., e a atividade do ser vivo em sua preservação e na preservação da espécie se concentra em reagir a elas adequadamente (adequadas às próprias necessidades da vida no sentido mais amplo). O ser humano que trabalha se separa de todo ser vivo até agora ao não apenas reagir ao seu entorno, como todo ser vivo deve fazer, mas ao articular em respostas estas reações em sua práxis. (LUKÁCS, p. 250, 2018)

O ato do trabalho enquanto fundante desse novo ser, imprimindo, pois, uma mudança qualitativa e estrutural nele, torna-se “o modelo de toda práxis social, na medida em que nesta- mesmo se através de mediações muito extensas – sempre são realizadas posições teleológicas, por último materiais” (LUKÁCS, p.11, 2018)

Fazendo um resgate da teoria marxiana analisando o processo histórico de desenvolvimento do trabalho pelo ser social e observando as transformações qualitativas que se operaram tanto objetivamente quanto subjetivamente, Lukács define o momento onde o trabalho se torna especificamente humano, atravessado pelo que ele define como *princípio teleológico*. (LUKÁCS, 1966a)

Esse princípio diz que o resultado do processo de trabalho já existia idealmente nas representações do trabalhador e que a possibilidade dessa idealização “pressupõe certo grau de reflexo correto da realidade objetiva na consciência do homem” (LUKÁCS, 1966a, p.40)

Esse processo de reflexão da realidade pelo homem que acontece no trabalho resulta na ampliação desse tipo de reflexão na vida cotidiana. Entretanto, as objetivações da vida cotidiana devem ser entendidas em sua forma diversificada e mutável, considerando que:

Como a acumulação das experiências cotidianas, o costume, o exercício, etc., fazem com que se repitam e se desenvolvam determinados movimentos em cada processo de trabalho, assim como sua seriação quantitativa e qualitativa, sua interpenetração, seu complementar-se e reforçar-se, etc., o processo em si cobra necessariamente do homem que o realiza o caráter de uma certa objetivação. (LUKÁCS, p.41, 1966a)

1.1 A CONEXÃO TEORIA E PRÁTICA NO COTIDIANO

De modo inicial é necessário postular a existência de uma relação imediata entre teoria e prática na base da vida cotidiana sendo ela, portanto, caracterizada pela *imediaticidade*.

Ela é exigida dos homens no processo de trabalho quando é necessário ser compreendido objetivamente e de forma verdadeira a constituição do objeto do trabalho caso se queira realizar com êxito a finalidade do trabalho contida no pôr teleológico (LUKÁCS, 2013).

A imediaticidade é caracterizada pela “conexão imediata entre reflexo da realidade, sua interpretação mental e a prática” (LUKÁCS, 1966, p. 50), Ou seja, o ser social ao precisar dar respostas aos problemas que surgem na cotidianidade, até mesmo pela urgência da realização material, não realiza uma série de possíveis mediações que poderiam melhor orientá-lo em sua práxis.

Essa unidade entre teoria e prática presente na vida cotidiana é produzida na maior parte das vezes pelas circunstâncias da vida do ser social que exigem deles uma ação imediata aos problemas apresentados pela sociedade e sua vivência:

A cotidianidade, o exercício e o costume do trabalho, a tradição e o uso na convivência e colaboração dos homens, e a fixação dessas experiências na linguagem, tendem a transformar o mundo das mediações, assim conquistado, em um novo mundo da imediaticidade. (LUKÁCS, 1966, pg.90)

Essa transformação decorrente da imediaticidade da vida cotidiana tende a *cristalizar* algumas mediações e assim suprimir as possibilidades de realização de objetivações superiores. Desse modo a ocorrência de choques com a realidade refletida são limitados e assim a possibilidade de ruptura dos complexos alienadores impedida.

O papel social da cultura e da ciência por exemplo, segundo Lukács, é descobrir e inserir mediações entre uma situação previsível e a melhor maneira de atuar nela. Porém uma vez existentes essas mediações, elas perdem para os homens da vida cotidiana seu caráter de mediação se cristalizando e resultando na imediaticidade anteriormente mencionada. (LUKÁCS, 1966)

Lukács considera a esfera da cotidianidade como um campo de *possibilidades*, onde são realizadas as objetivações do ser social e são produzidas e reproduzidas as condições de vivências do ser social, bem como as condições necessárias para a superação das explorações operacionalizadas nela. Assim, as mediações realizadas na vida cotidiana tanto podem encontrar terreno fértil para a realização de rupturas com as formas alienadoras presentes nela, como podem se cristalizar e se fixar em costumes que funcionam de forma objetivamente conservadora do status quo vigente.

Essa reprodutibilidade das objetivações sociais pertinentes à vida cotidiana podendo cristalizar as mediações realizadas, originam muitas vezes costumes, hábitos e tradições que, a depender da utilização prática do conteúdo delas, acabam assumindo um caráter conservador. As experiências que vivenciamos cotidianamente, quando baseadas nessas mediações cristalizadas, acabam por se generalizar na sociedade, sendo reproduzidas em larga escala pelo ser social. O

fato dessas mediações serem mais utilizadas pelo ser social “sob pena de ruína” e principalmente por fornecerem respostas mais “rápidas” às perguntas colocadas cotidianamente ao ser, produz o que conhecemos por senso comum.

No nível da imediatez cotidiana, é natural que o ser social tente controlar as consequências de suas ações e utilizar dos meios imediatamente disponíveis para fundamentar sua conduta de vida. A primeira categoria que surge, segundo Lukács, para a ordenação e o domínio da realidade objetiva é a *analogia*. A analogia, funciona, pois, para o ser social, quando ele relaciona em sua vivência fenômenos entre si, estes que para o ser parecem muito similares, mas podem se tratar de processos muito divergentes. (LUKÁCS, 2013):

Por essa razão, a analogia, não é, em última análise, nenhum meio autêntico de conhecimento, mas certamente o jeito natural e inerradicável de reagir a novos fenômenos e ordená-los nos sistemas daqueles já conhecidos. (LUKÁCS, p. 659 ,2013)

O que entendemos pois, em nossa vida prática, como conhecimento do homem, se baseia na maioria das vezes em uma aplicação espontânea de analogias. Ela, enquanto fator constitutivo da vida cotidiana, ainda hoje, após os avanços do conhecimento científico para o desvelamento da realidade, permanece sendo suporte para as respostas dadas pelo ser social aos problemas que lhe são colocados. Essa perduração da analogia enquanto base para as ações do ser se dá pela relação entre teoria e prática:

Quanto mais enérgica atua a conexão imediata entre teoria e prática [...] quanto mais próximas estão na consciência dos homens, tão maior é a eficácia da analogia. Pois em tais situações o reflexo imediato da realidade proporciona uma série de traços, notas características, etc., dos objetos que, na ausência de uma investigação exata, apresentam semelhanças impressionantes. O imediato é então unido com o pensamento desses traços [...] e respostas imediatas deles. (LUKÁCS, 1966^a, p.55 *grifo nosso*)

O autor coloca que a manifestação imediata da relação existente entre teoria e prática é a supremacia da particularidade humana no eu e a ampliação de um caráter individualizado. O fato de ocorrerem mudanças muito repentinas mesmo dentro da rigidez da rotina exige a conversão em ações e decisões cujos motivos apresentam um caráter predominantemente pessoal, principalmente no cotidiano da

sociedade capitalista, onde as razões para o agir humano permanecem em sua superficialidade.

Segundo Lukács, as relações entre os indivíduos humanos (casamentos, amizade, família etc), as relações destes com o as instituições sociais e do Estado, as formas de ocupação e distração do ser social se tratam sempre de uma mudança rápida, frequentemente súbita entre a rigidez conservadora da rotina e ações e decisões cujos motivos para se realizarem apresentam um caráter predominantemente pessoal. (LUKÁCS, 1966a). Disto resulta que:

O característico é que na vida subjetiva da cotidianidade tem lugar uma constante oscilação entre decisões fundadas em motivos de natureza momentânea e decisões baseadas em fundamentos rígidos, ainda que poucas vezes fixados intelectualmente (tradições, costumes). (LUKÁCS, 1966a, p. 44)

Essa supremacia da particularidade faz com que haja uma utilização prioritária dos afetos no agir da vida humana, todavia, isso não quer dizer que o modo de conceber o mundo ao redor tenha um caráter puramente subjetivo. Ao contrário, os problemas, situações e conflitos que compõem a ontologia da vida cotidiana são fenômenos que possuem na maioria das vezes um caráter social puramente objetivo. (LUKÁCS, 2013)

Contudo, como um ser que dá respostas, o ser social reagirá espontaneamente aos fatos que vem ao seu encontro, ou reagirá “elevando-se” de forma consciente acima de sua própria particularidade. Assim, se suas ações permanecerem no nível da espontaneidade, se a continuidade do pôr teleológico for determinado de forma predominante por esse tipo de motivo (leia-se afetivo), ele acaba por integrar a si mesmo nesse ambiente da vida cotidiana. Ele acaba por considerar esse ambiente irrevogável, definitivo, cujos problemas ele reage de forma imediata. (LUKÁCS, 2013)

A vinculação imediata entre teoria e prática é talvez a principal característica do pensamento e da vida cotidiana. Todavia, tal afirmação não deve supor que os objetos que compõe a cotidianidade são produzidos em si de forma imediata. Pelo contrário, eles são consequência de um sistema de mediações ramificado e

complicado que se torna mais complexo e ramificado no curso da reprodução histórica das sociedades. (LUKÁCS, 1966a)

Porém, na medida em que são objetos da vida cotidiana, estão sempre aparentemente prontos, e o sistema de mediações que os produz parece completamente exaurido e inerte, tornando difícil para o indivíduo ver claramente essa imediaticidade. Faz parte das necessidades da vida cotidiana que não se tenha a real dimensão do funcionamento do meio em que se está inserido e que as ações se baseiem no funcionamento prático da vida e não em sua base objetivamente constituída.

Para Lukács, está claro que essa imediaticidade é um produto da divisão capitalista do trabalho. Em formas de sociabilidade mais primitivas, em que a maior parte dos objetos da vida cotidiana são produzidos por aqueles que o utilizam no trabalho, a forma de se produzir é realizada inserida num modo de produção conhecido universalmente. O ser social realiza as ações do seu cotidiano tendo um conhecimento mais aprofundado das consequências do seu agir, sendo nesse momento histórico a imediaticidade muito menos desenvolvida e impactante:

Só uma divisão social do trabalho que está já muito desenvolvida e faz de cada ramo da produção e de seus momentos parciais outras tantas especialidades nitidamente delimitadas impõe ao homem médio ativo na vida cotidiana essa imediaticidade. (LUKÁCS, 1966, p.45)

A divisão social do trabalho exige do ser social objetivações cuja intenção teleológica visa um resultado particular, já que ele desempenha uma atividade dentro de um processo cada vez mais compartimentalizado. Essa relação entre teleologia e resultado do pôr se torna cada vez mais imediata, já que visa responder às exigências do meio social. A objetivação, pois, produzida através dessa relação, não é realizada a partir de uma prévia ideação que tem acesso a todos os pormenores do processo de trabalho, pois o ser social não tem acesso a esse conhecimento. A objetivação que se realiza não se ancora na essência da realidade objetiva, mas sim se fixam em fundamentos subjetivos como tradições e hábitos.

Essa relação imediata entre teoria e prática produzida e intensificada pela divisão social do trabalho produz a imediaticidade cotidiana pois, como dito

anteriormente, o tipo de práxis produzida pelo pôr teleológico do trabalho, se generaliza servindo de modelo para todas as outras práxis sociais.

A imediatricidade na vida e pensamentos cotidianos se expressa especificamente através do materialismo espontâneo que é próprio dessa esfera social. O homem cotidiano reage sempre aos objetos à sua volta de um modo espontaneamente materialista, independentemente de como o sujeito que reage interpreta ou reflete sobre isso. (LUKÁCS, 1966)

Todo trabalho supõe um complexo de objetos, de leis que determinam seu tipo, seus movimentos necessários, operações, etc. E a consciência humana trata espontaneamente tudo isso como entidades que existem e funcionam independente dela. Remontando a tempos primitivos, o ser social escolhe entre muitas possibilidades e a natureza de sua escolha mostra que o ser está mais ou menos consciente de que deve agir em um mundo externo que existe independentemente dele e que, desta forma, ele deve tentar entender e dominar, na medida do possível, com o pensamento, através da observação, o ambiente que existe independente dele, com o objetivo de poder existir, de ser capaz de sobreviver aos perigos que possam ameaçá-lo. O perigo, aliás, como categoria da vida humana, mostra que o sujeito está mais ou menos consciente de estar diante de um mundo externo independente dele. (LUKÁCS, 1966a)

O materialismo assim descrito possui um caráter espontâneo, dirigido aos objetos imediatos da prática e é conseqüentemente, limitado: “Nessa perspectiva, o materialismo espontâneo da vida cotidiana se converte em um modo de manifestação - sem dúvida complicado – do mundo ao redor determinado pelas instituições.” (LUKÁCS, 1966, p.48)

Nessa perspectiva, é característica primordial da vida cotidiana a *espontaneidade*, ou seja, a tendência de toda ação cotidiana ser realizada sem uma reflexão profunda ou crítica acerca dos problemas aos quais tal agir responde. Ora, é necessário que o agir dos indivíduos seja espontâneo, caso contrário inviabilizaria sua existência social, o indivíduo no caso, diante das possibilidades colocadas pelo

meio, chegaria a paralisar suas ações em prol de uma análise das consequências de seus atos, resultando numa inércia.

Para Lukács, “os homens jamais estão em condições de efetuar os seus piores teleológicos com o conhecimento adequado de todas as forças efetivamente ativas nesse processo” (LUKÁCS, 2013, p. 658). De fato, é frequente que o homem cotidiano tenha que agir de imediato “sob pena de ruína⁴”, sem poder nem ao menos tentar obter uma visão geral acerca dos pormenores de suas ações.

Todavia, mesmo inseridos em um meio onde as circunstâncias permitam a reflexão, é muito comum a existência de barreiras que impedem uma visão ampla em termos de conhecimento. Essas barreiras existem “já em relação às diversas forças socioeconômicas que dominam a vida cotidiana das pessoas.” (LUKÁCS, 2013, p.658)

Assim posto, é necessário salientar que o homem cotidiano adquire a capacidade de condução de sua vida só no contato com outros homens e que o conhecimento humano enquanto antecipador do seu agir imediatamente futuro jamais poderá ser considerado um saber real, exato. Por essa razão a práxis cotidiana será sempre envolta do desconhecido e, portanto, impossível de ser totalmente controlada. (LUKÁCS, 2013)

Cada evolução que ocorre na utilização do materialismo como concepção de mundo supõe um distanciamento nas concepções próprias da vida cotidiana imediata, e possibilita uma penetração superficial nas causas dos fenômenos que compõem o movimento da realidade, possibilidade essa que imprime um caráter minimamente científico às formas de pensamento produzidas nessa esfera. Esse distanciamento das formas de pensamento da cotidianidade produz uma espécie de “suspensão” acima dela, posteriormente retornando a esfera cotidiana. Isso decorre que mesmo estando muito desenvolvida, mesmo utilizando de todas as formas de

⁴ Lukács resgata aqui a discussão marxiana em que à medida que os nexos causais entram em contato com as atividades humano-sociais, são colocadas para o indivíduo alternativas no interior do pôr teleológico, que responde a uma necessidade que se impõe através dessas decisões, se efetivando sob pena de ruína do resultado do pôr teleológico. (LUKÁCS, 2013)

reflexo científico da realidade, a consciência não pode separar-se da vida cotidiana, sua estrutura básica está sempre ligada à cotidianidade.

1.2 Alienação no Cotidiano

O caminho percorrido até aqui nos lançou alguns apontamentos preliminares para a apreensão dos problemas que discutiremos no restante do capítulo e que abrange a categoria da *alienação*. As categorias até aqui tratadas e que concernem ao que designamos de *ontologia da vida cotidiana*, são fundamentais para entendermos como se manifesta a alienação na cotidianidade e proporciona, portanto, uma compreensão teórica de tal categoria.

Lukács define a alienação como um fenômeno que emerge em um dado momento histórico, sob determinações sociais específicas e, portanto, assume formas diferentes. Para ele, determinar o *lugar ontológico* da alienação perpassa a compreensão do papel que ela ocupa dentro da totalidade do complexo do ser social (LUKÁCS, 2013).

A alienação surge a partir da contradição existente entre desenvolvimento das capacidades humanas e desenvolvimento do ser social:

O desenvolvimento das forças produtivas acarreta de imediato um incremento na formação das capacidades humanas, que no entanto, abriga em si simultaneamente a possibilidade de sacrificar os indivíduos (e até classes inteiras) nesse processo. (LUKÁCS, p. 580, 2013)

Alienação portanto, é entendida como um processo que surge da relação dialética existente entre objetivação e exteriorização. Como vimos anteriormente é a partir da exteriorização que se forma a personalidade do ser social, e que ela é formada a partir do movimento de *retroação* dos pores teleológicos sobre o indivíduo, tendo efeitos diferentes no curso de reprodução social.

Neste momento é importante determinarmos do que se trata esse processo de *reprodução social* e quais categorias fazem parte desse complexo. Para Lukács:

A reprodução social de fato se realiza, em última análise, nas ações dos homens singulares, mas essas ações a serem realizadas forçosamente se encaixam uma na outra para formar complexos de relações entre os homens, que, tendo surgido, possuem certa dinâmica própria, isto é, não só existem, se reproduzem e se tornam socialmente operativos independentemente da consciência dos

homens singulares, mas também proporcionam impulsos mais ou menos, direta ou indiretamente, decisivos para as decisões alternativas. (LUKÁCS, 2018, p.180 *grifo nosso*)

A categoria da reprodução social é uma das mais importantes para o filósofo húngaro na investigação ontológica do ser social, já que “ser significa o mesmo que reproduzir a si mesmo” (LUKÁCS, 2013, p.170) e esse processo de reprodução está na gênese de todas as categorias que compõem a vida cotidiana. Para o autor, ao reproduzir a si mesmo, ao construir a si próprio a partir de categorias cada vez mais sociais e de forma cada vez mais forte e intensificada, o ser torna-se ele mesmo cada vez mais social, pois desenvolve categorias cada vez mais complexas para atender os problemas que surgem no desenvolvimento histórico. (LUKÁCS, 2013)

Esse tornar-se cada vez mais social do indivíduo e do processo de sua auto reprodução social é imprescindível para o processo que entendemos por *socialização* e que por conseguinte constitui a *sociabilidade*, ou seja, no ato de reproduzir-se o ser efetua pores teleológicos que são cada vez mais convertidos em partes de um processo teleológico já colocado em movimento socialmente e que não necessariamente atuam exclusivamente sobre a natureza, podendo incidir sobre outros seres sociais:

A socialização se mostra também no fato de que os pores que desde o começo são puramente sociais, aqueles que não estão direcionados para o metabolismo do homem com a natureza mas têm a finalidade de influenciar outros homens para que estes, por sua vez, realizem os pores teleológicos singulares desejados, aumentam constantemente tanto em termos quantitativos como pela sua importância. (LUKÁCS, 2013, p.333)

Sociabilidade nesse caso representa a forma como o ser social se comporta ativa e praticamente em relação ao meio em que está inserido e com o meio ambiente como um todo. O comportamento do ser, suas reações e interações com o meio são realizadas através de diversas mediações presentes na sociedade de modo que ao reagir às transformações do meio ele acaba confrontando as alterações que ocorrem no mundo imprimindo na sociedade as transformações realizadas pela sua própria práxis. (LUKÁCS, 2013)

Aqui se faz valer a máxima luckasiana de que o ser social é um “ser que dá respostas” e que por isso reage ao meio em que está inserido, transformando não só a natureza mas a si próprio no processo. Esse ato de reagir ativamente sobre as transformações faz com que o ser social tenha que, devido à *causalidade posta*, realizar novos pores teleológicos em resposta aos problemas colocados pelo meio. Esse fato produz uma complexificação do processo teleológico tendo como resultado a crescente socialização:

Um pôr teleológico sempre vai produzindo novos pores, até que deles surgem totalidades complexas, que propiciam a mediação entre homem e natureza de maneira cada vez mais abrangente, cada vez mais exclusivamente social. (LUKÁCS, 2013, p.205)

Durante o processo de reprodução social, a sociabilidade é produzida pois, através das respostas do ser social às questões colocadas para ele cotidianamente pelo meio, bem como através da reprodução de si mesmo, o ser social inicia um processo igualmente componente da sua reprodução: a produção da *individualidade*, ou seja, o desenvolvimento da sua *personalidade*.

Ao ser reproduzir socialmente, ao reproduzir as condições materiais e subjetivas de sua própria sobrevivência, o ser também constrói a si mesmo de maneira cada vez mais intensa a partir de categorias sociais, tornando não só o meio mas ele próprio, um ser cada vez mais social:

Esse aspecto aparente, imediatamente ontológico-formal, do processo de reprodução é, contudo — igualmente objetivamente ontológico — ao mesmo tempo um processo de integração das comunidades humanas singulares, o processo de realização de uma humanidade não mais muda e, com isso, da individualidade humana que se desdobra sempre mais multifacética (sempre mais social). (LUKÁCS, 2018, p.135)

Essa realização de uma individualidade especificamente humana diz respeito ao momento ontológico de constituição de uma humanidade “não mais muda”, em que o gênero humano encontrava-se realizando sua reprodução de forma meramente biológica, de forma *muda* e que através do processo de socialização sua realização objetiva adquire um caráter social:

A mudez apenas pode ser superada quando, em consequência dos resultados objetivos e subjetivos da posição teleológica no trabalho, na divisão do trabalho etc., as bases da reprodução filogenética cessam de ser meramente biológicas ao serem sempre mais intensamente recobertas, modificadas, remoldadas por determinações sociais sempre mais dominantes. (LUKÁCS, 2018, p.154)

Esse processo, porta em si, a dialética objetivação/exteriorização como ato fundante do ser social, pois como já descrito anteriormente, a vida cotidiana, a reprodução do ser social é impensável sem objetivações. Em decorrência dos pores teleológicos e através da exteriorização, ocorre a formação da personalidade humana:

Apenas através da exteriorização objetivam-se todas manifestações de vida para o próprio ser humano que as vive, bem como para seus semelhantes. Apenas através dessa objetivação obtêm ambos uma continuidade humano-social, tanto para o ser humano que a executa, quanto para aquele que entra em contato com ela; apenas nessa continuidade surge a personalidade do ser humano como portadora substancial desses atos, novamente, tanto para si próprio quanto para outros. (LUKÁCS, 2018, p.367)

Essa formação da personalidade humana segundo o autor acontece sempre de forma mais diversificada e multifacetada, pois ela se constitui a partir de elementos sociais e pessoais que estão relacionados de forma dinâmica e dialética e que, em decorrência dos nexos causais presentes na sociedade, jamais podem se repetir ainda que as condições em que ocorreram se façam presentes. Em decorrência de seu desenvolvimento e da impossibilidade de repetição dos processos que atuaram efetivamente sobre determinado ser, cada personalidade humana se faz de forma única.

Como abordamos anteriormente, o desenvolvimento das forças produtivas abarca em si a *possibilidade* de desenvolvimento das capacidades humanas. Contudo, os processos de causalidade impõem ao ser social necessidades que devem ser supridas “sob pena de ruína” e que para tal é necessário agir decidindo entre alternativas.

A alternativa enquanto ato de consciência também tem seu lugar na constituição da personalidade, já que o ser social reage de forma diversificada e

individual às alienações que incidem sobre sua personalidade e as “as decisões alternativas que se originam dela são primeiramente individuais” (LUKÁCS, 2013, p.584 *grifo nosso*)

O caráter insuperável das alternativas traz consigo um campo de possibilidades, de cadeias de alternativas sempre novas que são postas socialmente e que tem funcionalidade na vida cotidiana, o que impede que as respostas à elas sejam realizadas de forma satisfatória através da simples obediência à códigos morais, jurídicos, tradicionais etc. Os conflitos que nos deparamos cotidianamente são travados no plano individual em casos individuais, portanto, para o ser social, a necessidade da decisão alternativa individual é socialmente imposta. (LUKÁCS, 2013)

As decisões individuais tem papel importante na constituição da personalidade e nas relações sociais instituídas na vida cotidiana. Isso quer dizer que ainda que uma decisão alternativa tenha sido baseada em motivos pessoais, ela é uma resposta a perguntas que emergem de decisões pessoais que se desenvolvem nas relações sociais concretas, e que portanto, tem importância objetiva e uma valoração social. (LUKÁCS, 2013)

A personalidade, desenvolvida a partir das respostas que o ser social dá às necessidades socialmente impostas, também é influenciada pelo desenvolvimento da divisão social do trabalho. Como consequência dos problemas impostos por ela e das respostas dadas pelo ser social, se transformam as relações dinâmicas entre necessidades econômicas e geral-sociais e os processos de vida se tornam cada vez mais individuais. (LUKÁCS, 2013)

Isso ocorre porque com a crescente divisão social de trabalho é exigido do ser social respostas cada vez mais específicas aos problemas originados do processo de trabalho. Este por sua vez, constituído de diversas tarefas e extremamente heterogêneas entre si, conduz o ser social à especialização. Através dessa resposta aos problemas da divisão do trabalho, o ser se individualiza cada vez mais, conduzindo sua personalidade ao que Lukács chama de *particularidade*.

O desenvolvimento das forças produtivas possui em si um caráter desigual pois, à medida que potencializa as possibilidades humanas, traz consigo, através da divisão social do trabalho e constante *especialização* do ser social, a destruição da personalidade humana:

O desenvolvimento das forças produtivas é ao mesmo tempo, de modo necessário, o das capacidades humanas. Todavia — e aqui o problema da alienação adentra plasticamente à luz do dia — o desenvolvimento das capacidades humanas deve, não necessariamente, levar a um desenvolvimento da personalidade humana. Ao contrário: precisamente por esse desdobramento ascendente das capacidades singulares ele pode distorcer, degradar a personalidade humana. (LUKÁCS, 2018, p. 504)

A discussão da personalidade é importante pois para Lukács está claro que “a alienação pode apenas brotar da exteriorização” (LUKÁCS, 2018, p.354) sem, contudo, haver uma identidade entre esses dois complexos. Para o autor, as alienações nascem apenas da exteriorização, mas essa por sua vez, pode atuar e existir sem necessariamente produzir alienações. (LUKÁCS, 2018)

Por ter papel fundamental na constituição da personalidade humana e ser ao mesmo tempo possível veículo da alienação, a exteriorização faz com que determinados tipos de alienações tenham uma relação direta com a personalidade do ser social, de modo que o autor afirma que “a alienação é um dos fenômenos sociais que mais decididamente está centrado no indivíduo” (LUKÁCS, 2013, p.585 *grifo nosso*)

Todavia, isso não deve ser interpretado numa identificação da alienação como fenômeno puramente subjetivo. A alienação deve ser interpretada em sua *pluralidade* de manifestações, e sendo considerado à priori como “um fenômeno socioeconomicamente fundado” (LUKÁCS, 2013, p.632) que entretanto, se manifesta de formas diversas, surgindo muitas vezes a partir dos processos de reprodução social.

Para Lukács, as alienações que “se tornam atuantes num determinado período estão fundadas, em última análise, na mesma estrutura econômica da sociedade” (LUKÁCS, 2013, p.633). Essa afirmação nos traz as condições de

pluralidade das alienações, em que no âmbito do ser social não podem ser senão concretas. Isso nos chama para o problema da superação da alienação que deve passar pela transformação objetiva das condições materiais que a produz.

Essa concepção não deve condenar as análises da alienação como um fenômeno que deriva inexoravelmente da estrutura material da sociedade. A alienação entendida como um *processo* possui *relativa autonomia* em suas expressões sociais, advindo daí as alienações mais diretamente ligadas à reprodução social, como a alienação sexual e a religiosa.

O cotidiano como local de reprodução social possui uma tendência a ser alienado, principalmente devido às características citadas no início do capítulo:

O “mundo” do cotidiano diferencia-se do “mundo” do trabalho sobretudo pelo fato de que, nele, o aspecto da alienação dos pores desempenha um papel tanto extensiva como intensivamente muito maior. A personalidade do homem exprime-se objetivamente antes de tudo na práxis do trabalho, mas faz parte da essência da vida humana, que as tendências para o ser-para-si, para a autoconsciência, vida de regra, ganhem validade, de modo imediatamente pronunciado, na esfera do cotidiano, do âmbito da atividade do homem inteiro (LUKÁCS, 2013, p.442)

As alienações que nascem da vida cotidiana, ou seja, da reprodução social possuem um peso significativo e são dotadas de intensidade pelo grau de complexidade com que operam na vida dos seres sociais. Tal influencia ocorre porque essas alienações são mediadas por uma categoria fundamental para entendermos o cotidiano: a *ideologia*.

Para Lukács, ideologia não deve ser confundida com o simples ato de pensar do ser social, ela deve possuir uma função social, sendo “sobretudo a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir” (LUKÁCS, 2013, p.465). Surgindo justamente para responder aos conflitos do ser social, a ideologia nasce justamente no *hic et nunc*⁵ dos homens que agem em sociedade, nasce, pois, na vida cotidiana.

⁵ Expressão em latim usado por Lukács em toda a Ontologia, significando em tradução literal “Aqui e agora”.

A vida cotidiana, como sabemos é o *lócus* da reprodução social e é nela que o ser social reage aos problemas que dela emergem. Essa necessidade de reagir “sob pena de ruína”, ou seja, de dar respostas, coloca como possibilidade universal que toda reação do ser, a depender das circunstâncias, poder se tornar uma ideologia. (LUKÁCS, 2013)

O caráter da ideologia de cumprir uma determinada função social, faz com que ela seja crucial em alguns conflitos sociais pois “a ideologia é um meio de luta social, que caracteriza toda a sociedade” (LUKÁCS, 2013, p.465). Essa importância da ideologia nos remete ao porquê de em alguns períodos na história lhe ser atribuída uma perspectiva pejorativa ou até mesmo falsa.

A ideologia serve de mediação principal para uma expressão da alienação que emerge da reprodução social e que exerce um papel fundamental na vida cotidiana: a alienação religiosa. A religião possui um caráter fortemente ideológico, pois surge de uma necessidade social e como tal cumpre a função “regular no plano imediato de alguma maneira a convivência cotidiana, de conciliar a práxis cotidiana de cada homem singular com os interesses gerais” (LUKÁCS, 2013, p.692)

A religião tem sua importância vista socialmente através da sua capacidade de sobrevivência no desenvolvimento das sociedades. As suas características cada vez mais complexas, multifacetadas e articuladas se adaptam às necessidades de uma determinada época e que estão entre os interesses do ser social: a autopreservação. A religião produz uma conexão funcional entre a vida particular do ser social e as questões da sociedade, de tal forma que o ser enxerga as respostas dadas pela religião aos problemas que lhe são colocados na vida particular como algo indispensável à sua conduta de vida. (LUKÁCS, 2013)

Para Lukács, a vida social real das religiões, ou seja, seu objetivo, está em dominar a totalidade da vida de cada ser social, em fornecer respostas à todas as questões colocadas aos seres sociais, das mais complexas vinculadas às visões de mundo como aos problemas simples que emergem no cotidiano. A eficácia de uma

religião e por consequência, sua permanência na sociedade depende de como ela está cumprindo esse papel de influenciar a vida dos indivíduos:

A comparação, a polêmica recíproca, a adaptação etc. naturalmente são fatos frequentemente de grande importância, mas não são pura e simplesmente decisivos para o destino social das religiões. Se um dogma formulado em termos teológicos permanece em vigor ou é prática e teoricamente retirado de circulação é algo que não depende primordialmente de tal coordenação de fatores, mas, muito antes, da medida em que ele é capaz de guiar na prática a vida cotidiana dos homens. (LUKÁCS, 2013, 694)

A religião surge da representação que o ser social cria em sua consciência acerca da realidade. Ao observar a natureza e não compreender como ela funciona, o ser acaba por acreditar que a mesma é dominada por forças e poderes superiores a ele e, a partir daí, imagina deuses que governam e controlam tais poderes.

Para Lukács, as objetivações religiosas possuem estruturalmente uma ligação com a cotidianidade justamente devido à vinculação imediata entre teoria e prática que já mencionamos anteriormente. As aplicações práticas dos saberes científicos requerem um processo de mediações complexas e que, quanto mais intervenções fazem na vida cotidiana, mais se ramificam e se intensificam. O ser social, na maior parte das vezes, não tem “ideia das mediações e conexões daquilo que está usando. Usa, simplesmente, apoiado na ‘fé’, nas declarações dos especialistas, nas experiências práticas que tem acerca dos resultados imediatos do dispositivo correto de cada caso” (LUKÁCS, 1966, p.119)

A fé, no sentido religioso original, assume a pretensão de dominar o conhecimento e o saber, de ser uma forma superior de domínio da realidade. Ela, segundo Lukács, se trata de uma modificação da opinião, opinião sendo, por sua vez, um tipo de forma prévia do conhecimento, algo especulativo. A fé supera a opinião

Na medida em que os mais diversos motivos sociais, assim como os modos subjetivos de comportamento por eles determinados, em conexão com a união imediata entre teoria e prática, impedem seguir adiante no sentido de um conhecimento verificável. (LUKÁCS, 1966, p.124)

Segundo Lukács o comportamento religioso se destaca no cotidiano precisamente pela presença acentuada da fé:

A fé não é, no seu caso, uma opinião, um estágio anterior ao conhecimento, um conhecimento imperfeito, ainda não verificado, mas, pelo contrário, um comportamento que abre – sozinho – o acesso aos fatos e às verdades da religião, e que, ao mesmo tempo, contém a disposição que faz do que foi alcançado o critério da vida, da prática imediata, que engloba todo o homem e o consome de maneira universal. (LUKÁCS, 1966, p.132)

Ou seja, para o ser cotidiano, a fé é suficiente para movê-lo em direção aos seus objetivos, à sua prática imediata. Para ele não interessa as mediações, os fatos ou as consequências do que se está sendo feito baseado na fé, pois tudo isso está *garantido* por uma revelação superior, de um Deus onisciente. A fé se coloca, pois, como mediação entre o ser que crê e o Deus em que ele acredita, chegando a fornecer uma explicação para os efeitos da imediatez presente na vida cotidiana.

A fé liga a vida e as ações de um determinado deus com as consequências imediatas na vida dos homens, fazendo com que eles acreditem que as causalidades decorrentes do processo teleológico que eles realizam são frutos das vontades de um ser superior que dirige suas vidas. Esse fato é responsável por o ser social cotidiano considerar o que antes classificamos como *acaso*, como sendo fruto dos “desígnios de Deus”.

É importante aqui ressaltarmos que a religião nem sempre possui um caráter alienante para a vida do ser social. A religião enquanto produto ideológico do processo de autorreprodução da humanidade, possui suas contradições e seus momentos históricos em que se voltou contra a humanidade (a Santa Inquisição) e os que advogou em favor de seu progresso (o papel da Teologia da Libertação na resistência contra a ditadura militar).

A religião é alienadora porque faz o ser social transferir a essência e a gênese da vida humana para um poder superior, e transformar a fé em eixo central e decisivo do comportamento da vida cotidiana, sem abrir margem para que se faça uma investigação sobre os motivos que o levaram a tais atos ou mesmo a tentativa

de verificação das verdades professadas em nome das religiões: “as revelações religiosas levantam a pretensão de ser não só uma realidade autêntica, mas até mesmo a realidade, a realidade propriamente dita, a realidade verídica.” (LUKÁCS, 2013, p.708)

A investigação da relação entre a religião e o ser social na sociedade contemporânea e seus fundamentos ontológicos é imprescindível para realizarmos uma crítica à alienação realmente efetiva e que cumpra a função de esclarecer qual papel ela ocupa dentro dos interesses capitalistas de exploração e dominação social.

1.3 Alienação Política

Outro complexo ideológico que serve de veículo para a alienação e que permeia toda a extensão da vida cotidiana é a *política*. Como apresenta Lukács (2013) a política é um “complexo universal da totalidade social” (p.502) que todavia, é um complexo da práxis mediada, sendo portanto, impossível de ter um universalidade identicamente espontânea e permanente enquanto órgão de apropriação do mundo através da objetivação do objeto. Assim nos diz Lukács:

A política é uma práxis que, em última análise, está direcionada para a totalidade da sociedade, contudo, de tal maneira que ela põe em marcha de modo imediato o mundo fenomênico social como terreno do ato de mudar, isto é, de conservar ou destruir o existente em cada caso; contudo, a práxis desencadeada desse modo inevitavelmente é acionada de modo mediado também pela essência e visa, de modo igualmente mediado, também à essência. (LUKÁCS, 2013, p. 502)

Ou seja, a política nasce da reprodução social e como complexo ideológico, visa auxiliar o ser social na resolução dos conflitos que aparecem na sua cotidianidade. Para o autor, é impossível determinar onde começa e termina a política, mas o mesmo afirma que

Não pode haver nenhuma comunidade humana, por menor que seja, por incipiente que seja, na qual e em torno da qual não aflorassem ininterruptamente questões que, num nível desenvolvido, habituamo-nos a chamar de políticas. (LUKÁCS, 2013, p. 502)

Todavia, ainda que sinalizado o caráter “universal” da práxis política, ela não deve ser confundida com uma universalidade espontânea, tal qual a linguagem,

justamente por ser uma práxis mediada por outros complexos e que, devido às exigências prática e imediatas da vida cotidiana, assume ela também características da imediaticidade.

A política, como já foi posto, está direcionada para a totalidade social, à unidade entre essência e fenômeno da realidade, mas que no plano imediato só apreende a realidade em sua imediaticidade, implicando que o objeto de tal práxis permaneça orientado para o mundo fenomênico, ou seja, não revelando a verdadeira essência da realidade social (LUKÁCS, 2013)

É importante atentarmos aqui que para o autor húngaro, essência e fenômeno possuem o mesmo estatuto ontológico, são dimensões do real e que sua unidade é preservada de forma dinâmica. Para ele

O mundo fenomênico do ser social é o fator desencadeador da maioria das posições teleológicas, que determinam imediatamente sua estrutura e seu desenvolvimento e, deste modo, também desempenham um papel significativo na dialética objetiva de fenômeno e essência. (LUKÁCS, 2018, p.313)

Esse mundo fenomênico ao qual Lukács se refere é o *hic et nunc* citado anteriormente, o mundo da vida cotidiana. Essa unidade existente entre fenômeno e essência proveniente da mesma gênese faz com que cotidianamente o ser social tenha por finalidade de seus pores teleológicos o mundo fenomênico, justamente por não ter consciência da essência dos fenômenos ao qual está submetido na vida cotidiana. Isso faz com que a essência se desenvolva “independente” do ser social estar consciente ou não das consequências de seus pores, mas que em último caso, sempre está submetida a esses pores e às eventuais causalidades por eles postos.

Por essa razão a práxis política é uma dimensão ideológica permeada por contradições, pois estando dirigida à totalidade social, e tendo por finalidade uma transformação no mundo fenomênico, no terreno da imediaticidade, também é movida, através da unidade dialética existente entre essência e fenômeno, em direção à essência, visando também agir sobre ela. Isso faz com que por vezes

Na imediaticidade da práxis política, ideologias puramente demagógicas possam adquirir um ímpeto prático imediato também tão forte que parecem ser meios adequados para dirimir uma crise;

basta pensar na tomada do poder por Hitler. (LUKÁCS, 2013, p.506 *grifo nosso*)

Essa contradição existente na práxis política se acentua na sociedade dividida em classes sociais em que a política é utilizada como instrumento de dominação de uma classe sobre outra, e é responsável pela alienação que muitas vezes ela veicula ao ser social.

A alienação política na sociedade capitalista compreendida como ausência de uma consciência de classe que reflita seus próprios interesses tem como objetivo a conservação do *status quo* vigente, a manutenção dos interesses das classes dominantes. Como vimos anteriormente, a alienação surge da contradição existente entre o desenvolvimento das capacidades humanas e o desenvolvimento do ser social e que, com o desenvolvimento da sua personalidade de forma cada vez mais individualizada, vai se tornando cada vez mais particular.

A consciência de classe que deveria se desenvolver através de uma práxis política efetiva traria de retirar o ser social de sua personalidade particular e desenvolvê-la de forma não mais particular, tendo um efeito desalienador no ser social. A consciência política, distante do fenômeno da alienação auxiliaria o indivíduo na luta contra a sua *generidade em si* e o transformaria de *ser em si* em *ser para si*.

Como já abordamos anteriormente, a realização da individualidade especificamente humana se deu no momento em que o ser social através do processo de socialização passou de uma humanidade *muda* para uma “não mais muda”, nesse momento fundou-se o que Lukács chamou de *ser em si*. Através da constituição do *ser em si* a humanidade passou de uma mudez, caracterizada pela simples reprodução biológica, para uma manifestação de humanidade que ainda possui características de mudez, visto que a humanidade ainda não atingiu o *ser para si* do gênero humano, a humanidade totalmente desenvolvida. Assim diz Lukács sobre essa questão:

É, portanto, se for permitido, uma situação paradoxal a ser descrita paradoxalmente, a humanidade não mais muda em um modo de manifestação ainda mudo, o ser-para-si do gênero no patamar do

seu próprio ser-em-si existente. Essas expressões devem soar paradoxais porque tentam apreender um processo de desenvolvimento por essência dinâmico com categorias cujo sentido mira os patamares de desenvolvimento e, não o próprio processo de desenvolvimento. Sabemos, mesmo, que o verdadeiro ser-para-si da humanidade, sua mudez completamente superada, não foi ainda realizado até agora. (LUKÁCS, 2018, p.161)

O ser para si do gênero desenvolvido em toda a sua humanidade só é possível através do pleno desenvolvimento das capacidades humanas, do desenvolvimento da personalidade em não mais particular. Essa possibilidade só pode ser efetivada se superada a contradição existente entre desenvolvimento das forças produtivas e desenvolvimento das capacidades humanas, algo que só pode ser realizado se transformado as bases materiais que dão origem a essa contradição.

A superação da alienação no sentido de proporcionar ao ser social uma consciência política que o conduza ao seu *ser para si*, só pode ser realizada através de uma profunda transformação tanto objetiva quanto subjetivamente. Essa consciência política formada é de um tipo qualitativamente superior, proporcionada pelo desenvolvimento de uma genericidade para si, que para que ocorra exige que o ser social seja capaz de se elevar acima de sua própria particularidade, de seu ser em si existente.

A problemática da superação da particularidade no cotidiano se dá na medida em que, caracterizado pela conexão imediata entre teoria e prática, o ser social se vê cada vez mais confinado em sua particularidade, pois, visando cumprir suas funções no processo de reprodução social, sua personalidade atua sempre em uma realidade cujas mudanças se pretendem vivenciar na prática devido justamente à imediatez do dia-a-dia. (LUKÁCS, 2013)

A alienação política é intensificada conforme o desenvolvimento da sociedade capitalista e é conduzida cada vez mais através de ideologias que permeiam o cotidiano do ser social. As ideologias burguesas são elaboradas e disseminadas com o objetivo de desmobilizar a classe explorada e torna-las alienadas de seu

papel político enquanto condutores de um processo revolucionário, aspecto teorizado por Marx que abordaremos mais detidamente no capítulo subsequente.

A alienação política é geralmente induzida no sentido de distrair a atenção do ser social da essência dos acontecimentos cotidianos e obstruir o seu horizonte ontológico, por meio do fornecimento de explicações e visões de mundo aliados aos interesses da classe dominante. Isso faz com que o ser social se concentre no mundo fenomênico e acabe por “rebaixar todos os problemas da existência humana ao nível da particularidade” (LUKÁCS, 2013, p.772)

Ao realizar esse caminho, o ser social se vê confinado em sua particularidade, enxerga sua condição de vida como irrevogável, se conformando com as condições, quaisquer que sejam, de sua existência.

Aqui vemos que a alienação política se intensifica no cotidiano principalmente através das ideologias que proporcionam um distanciamento do ser social de sua *generidade para si*, de sua correta apreensão da realidade, da compreensão da essência dos acontecimentos de sua vida e que, mediante tal conhecimento, poderiam superar a alienação e adquirir uma consciência de classe para si.

A ideologia possui, pois, um importante papel na vida cotidiana, principalmente no sentido de *manipulação* da cotidianidade, com o objetivo de conservação das estruturas de exploração da sociedade capitalista.

A alienação, portanto ocorre cotidianamente em várias frentes, tendo como veículos principais a religião e a política, que se movimentam através da ideologia. A superação, pois, das alienações requer uma alteração tanto objetiva quanto subjetiva das condições de vida do ser social e que só pode ocorrer mediante uma profunda transformação nas estruturas da sociedade capitalista.

A elevação do ser acima de sua particularidade cotidiana exige o conhecimento acerca de sua própria realidade, das mediações e conexões que ligam suas ações singulares aos acontecimentos que regulam sua vida. Esse conhecimento da chamada ontologia da vida cotidiana, ao apresentar as principais categorias da realidade social e do ser, fornece-nos elementos para uma justa e

profunda crítica da sociedade do Capital, que investigaremos alguns aspectos mais detalhadamente nos capítulos a seguir.

2 CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DA REPRODUÇÃO SOCIAL NA SOCIEDADE BURGUESA: ALIENAÇÃO E COTIDIANO NO CAPITALISMO

Para compreendermos as características fundamentais da reprodução social na sociedade burguesa, e assim compreendermos de que forma a alienação no cotidiano representa um problema *intrínseco* da sociedade, devemos inicialmente situar algumas categorias sob o marco histórico da fundação da sociabilidade burguesa e como a alteração no modo de sociabilidade também representou contradições ao mesmo tempo em que impôs tais contradições na dinâmica da realidade.

A compreensão de tais fenômenos se faz necessário uma vez que pretendemos apresentar os efeitos que o desenvolvimento de um determinado tipo de sociabilidade tem tanto no ser social, como no desenvolvimento do serviço social enquanto profissão inscrita na divisão social do trabalho.

O trabalho, enquanto categoria *fundante* do ser social, assume contornos diferenciados sob a lógica burguesa. A partir do surgimento da exploração do homem pelo homem e da instituição da propriedade privada, o trabalho desenvolve em seu complexo uma gama de *alienações* que se espraiam em todos âmbitos da sociedade na medida em que o trabalho constitui o modelo de toda práxis social.⁶

A alienação tem suas raízes materiais no processo de produção de riquezas na sociedade e se expressa ontologicamente no trabalho alienado. Para Marx o

⁶ Conforme aponta Lukács, “Não se deve exagerar de maneira esquemática esse caráter de modelo do trabalho em relação ao agir humano em sociedade; precisamente a consideração das diferenças bastante importantes mostra a afinidade essencialmente ontológica, pois exatamente nessas diferenças se revela que o trabalho pode servir de modelo para compreender os outros pores socioteológicos, já que, quanto ao ser, ele é a sua forma originária.” (LUKÁCS, 2013, p.47)

trabalho é o meio pelo qual o ser social interage com a natureza e cria as condições materiais de sua existência social. A natureza, é a matéria na qual o trabalho pode se efetivar, sendo ela própria fornecedora dos meios de vida do ser social. Desta forma, quanto mais o ser social se apropria do mundo externo (da natureza) por meio do seu trabalho, mais ele se priva dos meios de vida através de um duplo sentido: primeiro, cada vez mais a natureza deixa de ser um objeto pertencente ao seu trabalho, uma forma pela qual o trabalho pode ser efetivado e segundo, que o mundo externo cessa de ser um meio de vida no sentido imediato, meio para a sua existência. (MARX, 2004)

O fenômeno da alienação discutido por Marx já no interior do ato do trabalho pode ser entendido da seguinte maneira:

O objeto (Gegenstand) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa (sachlich), é a objetivação (Vergegenständlichung) do trabalho. A efetivação (verwirklichung) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como desefetivação (Entwirklichung) do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento (Entfremdung), como alienação (Entäusserung) (MARX, 2004, p. 80).

O ser social, através do trabalho, produz a si próprio através do processo de exteriorização e da produção da personalidade, conforme abordamos no capítulo anterior. A objetivação, é a realização do ser social no objeto criado através do processo de exteriorização, que, mediante a separação entre objeto criado e criador, gera a alienação no interior do processo de trabalho. A relação que o ser social estabelece com o produto de seu trabalho que lhe aparece como algo que não mais lhe pertence, faz com que ele não se reconheça no objeto criado, alienando-o do processo de trabalho e do objeto criado.

Nesse processo de trabalho, mediante a alienação o ser social se transforma numa mercadoria no processo de produção de riqueza, algo que Marx aponta no início de seus manuscritos quando faz sua crítica à economia política da época, especificamente aos escritos de Adam Smith:

Diz-nos o economista nacional que tudo é comprado com trabalho, e que o capital nada mais é do que trabalho acumulado. Mas ele nos diz, simultaneamente, que o trabalhador, longe de poder comprar tudo, tem de vender-se a si próprio e a sua humanidade. (MARX, 2004, p. 28)

Para Marx, foi essencial o retorno aos escritos dos economistas clássicos da época, tais como David Ricardo e Adam Smith, justamente para, através da crítica à concepção que tais economistas tinham do processo de produção, e da identificação das lacunas que haviam em seus raciocínios, poder identificar as contradições inerentes ao processo de trabalho e à produção de riqueza na sociedade capitalista. Assim nos sinaliza o autor alemão:

A partir da própria economia nacional, com suas próprias palavras, constatamos que o trabalhador baixa à condição de mercadoria e à de mais miserável, que a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência e à grandeza da sua produção. (MARX, 2004, p.79)

Segundo o autor, o ser social se torna tão mais explorado quanto mais mercadorias produz, já que as mercadorias, os objetos frutos do seu trabalho, lhe são alheios, alienados através da apropriação privada do que é produzido. Para ele

A valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2004, p.80)

É interessante salientarmos que ao discutir as raízes materiais da alienação e de seu fundamento presente no trabalho alienado nos manuscritos de Paris, Marx aponta diversos aspectos da alienação, como a alienação que ocorre entre o ser social e o objeto de seu trabalho:

A exteriorização do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele, independente dele e estranho a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta de forma hostil e estranha (MARX, 2004, p.81)

Desta forma, na medida em que o trabalho realizado pelo ser social é transformado em mais-valia e encerrado no objeto produzido, mais valorizado se torna as mercadorias e menos dono do objeto de seu trabalho se torna o ser social.

A mercadoria produzida se torna “*hostil*” ao ser social ao passo que não lhe pertence mais. Esse processo de objetivação realizado pelo ser social, seguida da perda do objeto de seu trabalho, podemos denominar de alienação material ou econômica:

A alienação do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (MARX, 2004, p. 82)

O autor, seguindo sua discussão acerca do trabalho alienado, aborda que a alienação em seu caráter multifacetado não apenas se manifesta nos produtos do trabalho, mas também no ato da produção, na relação essencial entre trabalhador e produção, na atividade produtiva em si. Ora, segundo ele, se o objeto ao qual está alienado o ser social é um produto da exteriorização da atividade, então a própria atividade é alienada ao ser.

Para explicitar de que forma atividade no interior da produção é ela mesma, alienada em relação ao ser social, é necessário compreender como se dá, na sociedade capitalista, a exteriorização dos processos teleológicos pelos seres sociais no trabalho e como se expressam as contradições inerentes a isso. Segundo Marx (2004), o trabalho é externo ao ser social, na medida em que não pertence ao seu ser, de modo que nele não se afirma, mas que na verdade, nega-se nele. Apesar de continuar pertencendo ao ser social, o trabalho lhe é negado no interior da produção, na medida em que o ser social não possui consciência sobre os pormenores da produção em sua totalidade, nem acerca dos resultados do seu trabalho. Ou seja, na condição de desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo, o trabalho não permite que o ser social desenvolva suas capacidades, mas que apenas cumpra funções específicas dentro de uma divisão social cada vez mais compartimentalizada.

O trabalho na sociedade capitalista, apresenta como mediação o assalariamento cuja função é reproduzir a força de trabalho, tornando-se algo que

transforma a relação do ser social com o ato do trabalho, tornando-lhe o trabalho “hostil”. Daí onde o autor alemão chega ao resultado

De que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. (MARX, 2004, p. 83)

Um outro aspecto da alienação proveniente do trabalho analisado por Marx é o que diz respeito à alienação do ser social em relação a si próprio, ao seu gênero humano. Segundo o autor, o Ser Social é um ser genérico, que vive uma vida genérica, consistindo precisamente em viver da natureza inorgânica, se universalizando na medida em que domina a natureza inorgânica da qual ele vive (MARX, 2004). Ou seja, diante de um domínio cada vez mais irrestrito da natureza o ser social tende a se universalizar na medida em que tem o conhecimento dos processos que perpassam a totalidade da vida social e que se conecta com as outras esferas de ser.

A utilização da natureza como seu corpo inorgânico, ou seja, o constante processo de interação do ser social com a natureza para que consiga sobreviver, faz com que o ser social se universalize nesse processo, que se torne cada vez mais ser genérico. O trabalho em sua forma *alienada* tende a afastar cada vez mais o ser social da natureza, o alienado desta e como consequência, alienando o ser social de si mesmo, na medida em que o afasta do seu ser genérico universal, fazendo como que ele se confine em sua vida individual, particularizada, como já abordada anteriormente. Marx explicita a questão da seguinte maneira:

Na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica operativa. Através dela a natureza aparece como a sua obra e a sua efetividade. O objeto do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele. Consequentemente, quando arranca do homem o objeto de sua produção, o trabalho alienado arranca-lhe sua vida genérica, sua efetiva objetividade genérica e a transforma a sua vantagem com relação ao animal na desvantagem de lhe ser tirado o corpo inorgânico, a natureza. (MARX, 2004, p. 85)

A discussão estabelecida acerca da alienação de si próprio, ou seja, da alienação do ser social em relação ao ser genérico, a sua essência humana, nos leva diretamente ao quarto aspecto da alienação abordado nos manuscritos e que deriva do trabalho alienado: a alienação do ser social em relação a outro ser social.

Uma consequência imediata das alienações até aqui abordadas, quais sejam, a alienação do ser em relação ao produto de seu trabalho, a alienação em relação à atividade produtiva no interior do trabalho e a alienação em relação ao seu ser genérico, resulta na alienação do ser por outro ser social. Ora, quando colocados frente a frente, o ser social se defronta com um outro ser que lhe é estranho, um que também é resultado das relações que ele estabeleceu com sua atividade produtiva, com o resultado do trabalho e com o seu próprio ser genérico, ou seja, um ser que possui também suas próprias alienações.

Em geral, a questão de que o homem está alienado do seu ser genérico quer dizer que um homem está alienado do outro, assim como cada um deles [está alienado] da essência humana. A alienação do homem, em geral toda a relação na qual o homem está diante de si mesmo, é primeiramente efetivado, se expressa, na relação em que o homem está para com o outro homem. (MARX, 2004, p. 86)

Na constituição das relações na sociedade capitalista, mediante o trabalho alienado, cada ser social se relaciona com outro ser segundo os critérios alienantes no qual se encontra enquanto trabalhador alienado. Ou seja, enquanto ser atravessado por alienações, o ser social enxerga outros seres sociais *a partir* da forma que tais alienações constituem e constroem uma visão de mundo para o ser. Disso decorre de serem veiculadas por exemplo, ideologias *desumanizadoras* na sociedade, ideologias que são alienantes por excelência na medida em que não permitem o ser social enxergar outro ser em sua totalidade humana. Um exemplo bem específico de como a alienação de um ser social em relação a outro ser social se deu na sociedade é a forma desumanizadora e alienante da ideologia racista.

A discussão da alienação na sociedade capitalista atravessa como vimos a discussão acerca do trabalho alienado e de que forma esse tipo de trabalho veicula alienação para o ser social e para as relações que este estabelece. Todavia, é importante entendermos as raízes de como o trabalho se tornou alienado ao ser

social e de que maneira lhe foi expropriado e sendo assim, a quem pertence o produto do trabalho.

Se tanto o trabalho, como o resultado do trabalho não pertence ao trabalhador, se se coloca frente a ele como algo estranho e “hostil”, esse resultado pertence, portanto, a outrem, que também se trata de um ser social, alguém cujo fruto do trabalho lhe pertence. Segundo o autor, esse alguém é um outro ser fora o trabalhador, não sendo algo místico ou sobrenatural, já que “apenas o homem mesmo pode ser este poder estranho sobre o homem” (MARX, 2004, p. 86):

Se ele se relaciona, portanto, com o produto do seu trabalho, com o seu trabalho objetivado, enquanto objeto estranho, hostil, poderoso, independente dele, então se relaciona com ele de forma tal que um outro homem estranho a ele, inimigo, poderoso, independente dele, é o senhor deste objeto. Se ele se relaciona com a sua própria atividade como uma [atividade] não-livre, então ele se relaciona com ela como a atividade a serviço de, sob o domínio, a violência e o jugo de um outro homem. (MARX, 2004, p. 87)

Esse processo de apropriação que ocorre do produto do trabalho de um homem por outrem, um que não produz aquele objeto, que não despende energia física e espiritual na produção daquela mercadoria mediante o trabalho, funda o que conhecemos como propriedade privada, e é através dela, também se veicula a alienação na sociedade capitalista.

A propriedade privada, segundo Marx, se expressa como um produto ou resultado, uma consequência, do trabalho que é exteriorizado e que se constitui de maneira alienada já no processo de trabalho que, mediante a divisão social do trabalho, aliena o ser social da atividade do trabalho: “A propriedade privada resulta portanto, por análise, do conceito de trabalho exteriorizado, isto é, de homem exteriorizado, de trabalho alienado, de vida alienada, de homem alienado.” (MARX, 2013, p. 87)

A discussão da alienação nos manuscritos de Paris, principalmente no que diz respeito à relação do ser social com a sua essência, com o seu ser genérico nos faz apreender que a alienação portanto, em sua raiz material fundada no trabalho alienado, se expressa enquanto negação da essência humana, enquanto processo desumanizador por excelência.

2.1 Trabalho alienado e decadência ideológica.

O resgate dos fundamentos do trabalho sob o modo de produção capitalista e de que forma ele se apresenta *alienado* em suas múltiplas características nos fornece elementos importantes para a compreensão do processo de alienação que atinge o ser social, *fundado no trabalho*, e de que forma o complexo do trabalho, em sua forma alienada impacta toda a sociabilidade burguesa.

O fenômeno da alienação dentro do complexo do trabalho tem relação direta com outro fenômeno presente na sociedade e que possui localização histórica definida: o processo de *decadência ideológica da burguesia*.

Esse processo, ocorreu após o período correspondente a Revolução Francesa de 1789, cuja principal característica foi o programa *da modernidade*, um conjunto de ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que transformaram as bases da formação social até aquele momento, em que o feudalismo deu lugar à forma de sociabilidade burguesa, e ao sistema societal capitalista.

A decadência ideológica da burguesia, corresponde ao processo de mudança de orientação político-ideológica da burguesia no período pós revolucionário, em que enquanto classe *revolucionária*, foi responsável por conduzir o processo revolucionário rumo à destruição das bases da sociedade feudal. Tal mudança ocorreu através do *abandono* dos ideais revolucionários e da conversão em classe *conservadora*, no sentido de conservação da sua dominação de classe, resultado oriundo da revolução. Essa transformação em classe conservadora, desencadeou numa série de mudanças ocorridas principalmente na produção de visões de mundo e de explicação da realidade, afim de fornecer subsídios teóricos, políticos e ideológicos para a manutenção da dominação burguesa.

Segundo Lukács (2010), no período da revolução francesa, havia espontaneamente um predomínio do materialismo e da dialética no pensamento desenvolvido pelos ideólogos da revolução. Após os acontecimentos revolucionários, houve uma fuga dessa abordagem, descartando as contradições do desenvolvimento social e dando vez a uma *evasão da realidade*. Segundo o autor, a

busca por suprimir os conflitos provenientes da luta de classes, tinha como objetivo consolidar as estruturas de dominação da burguesia, sendo usado tanto no campo político quanto no econômico.

O processo da decadência possui elementos sofisticados que explicam sua *aderência* e sua importância no desenvolvimento da sociedade burguesa, primeiro porque abandonando os ideais da revolução francesa, se ignorou a realidade histórica, desprezando a luta de classes como força motriz de transformação da sociedade. Aliado a isso adotou-se por parte dos ideólogos da burguesia uma *tendência à mistificação*:

Essa liquidação de todas as tentativas anteriormente realizadas pelos mais notáveis ideólogos burgueses no sentido de compreender as verdadeiras forças motrizes da sociedade, sem temor das contradições que pudessem ser esclarecidas; essa fuga numa pseudo-história construída a bel-prazer, interpretada superficialmente, deformada em sentido subjetivista e místico, é a tendência geral da decadência ideológica. (LUKÁCS, 2010, p.)

Essa fuga da realidade histórica e tendência a mistificação, se verificou politicamente pelos acontecimentos durante e imediatamente após a revolução de junho de 1848, com a insurgência do proletariado parisiense. Nesse período ocorreu um rearranjo de forças em que os representantes políticos liberais e democratas abandonaram a perspectiva revolucionária anteriormente verificada e traíram sucessivamente o proletariado e seus ideais em nome de uma conservação da ordem. Tais acontecimentos que culminaram no golpe de Estado de Luís Felipe Bonaparte em novembro de 1851 na França possuem diversas nuances e especificidades que por ora não temos o devido espaço para discorrer, mas que podem ser verificados na obra de Karl Marx, “O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte”.

Metodologicamente, Lukács aponta que a decadência se manifesta no fato de que “os teóricos evitam cada vez mais entrar em contato diretamente com a própria realidade, colocando no centro de suas considerações, ao contrário, as disputas formas e verbais com as doutrinas precedentes.” (LUKÁCS, 2010, p.) Essa mudança de método de análise da realidade nos ajuda a compreender de forma mais

específica como se manifesta a alienação nas ciências sociais e humanas e que incidem sobre o Serviço Social através da decadência ideológica.

A análise da realidade, através da decadência ideológica acaba por ser composta por uma gama de correntes de pensamento e visões de mundo com características *ecléticas*, que visam exaltar as características da sociedade burguesa através de sua direta ou indireta *apologia* ou através da realização de críticas insipientes e superficiais, dando vãs a uma crítica romântica ao capitalismo. (LUKÁCS, 2010)

Fazendo um resgate das análises de Marx acerca do período imediatamente pós revolucionário, correspondente à decadência, Lukács nos aponta a necessidade por parte da burguesia de manutenção do status quo, de sua dominação de classe e principalmente da supressão das desigualdades e contradições do capitalismo. Diante disso, era vital a defesa dos progressos tecnológicos e civilizatórios oriundos da revolução francesa e proporcionados pela consolidação do sistema capitalista, defesa essa fornecida pelos ideólogos que abraçavam a ideia de progresso burguês e que fugiam às críticas radicais ao sistema.

A crítica produzida a partir da decadência era uma crítica romântica, que se mostrava mais sofisticada e com pretensões de fornecer subsídios e soluções aos problemas existentes no capitalismo, sendo ainda assim uma apologética ao sistema capitalista. Uma das primeiras áreas a ser atingida segundo Lukács, foi a economia, que “se limita cada vez mais, a uma mera reprodução dos fenômenos superficiais. O processo espontâneo da decadência científica opera em estreito contato com a apologia consciente e venal da economia capitalista.” (LUKÁCS, 2010, p. 56)

Fazendo um resgate dos escritos marxianos, o autor húngaro nos estabelece uma ligação entre o desenvolvimento do conhecimento acerca da realidade e o processo de alienação presente na sociedade burguesa, principalmente no período pós revolucionário. Ao se debruçar superficialmente sobre os problemas da sociedade, a economia presta um serviço à ordem capitalista produzindo assim uma apologia ao modelo de sociedade em curso. Sobre a economia Lukács afirma que

Quanto mais alienada for a forma pela qual concebe as formações da produção capitalista, tanto mais ela se aproxima do elemento das

ideias corriqueiras, tanto mais, portanto, imerge em seu elemento natural. Além disto, presta ótimos serviços à apologética. (LUKÁCS, 2010, p. 56)

A apologética corresponde à linha ideológica percorrida por determinados ideólogos em que suas reflexões, ideias e escritos prestam um serviço de “auxílio” ao capitalismo na forma de supressão ou mistificação das contradições inerentes ao sistema, contribuindo desta forma com a *naturalização* dos problemas sociais, das estruturas de opressão e das condições de exploração. É importante salientar que o conteúdo ideológico de uma teoria possui um ineliminável *caráter de classe*, em que podemos ver o *posicionamento* de tal ideólogo acerca dos problemas da sociedade capitalista e inferir se sua produção intelectual produz uma crítica ou uma *apologia* ao capitalismo.

A decadência ideológica se manifestou e se espalhou de forma significativa e duradoura devido à produção de ideologias apologéticas produzidas por teóricos ligados direta ou indiretamente à classe burguesa. Essa produção de visões de mundo e de explicações acerca da realidade validou-se principalmente devido ao caráter *classista* da produção de conhecimento e do acesso aos meios de educação e alfabetização.

Marx em seus escritos criticou veemente a ideologia decadente e de que forma ela se reproduziu mesclando teorias e produzindo críticas superficiais ou pontuais às contradições do sistema capitalista, desembocando num anticapitalismo romântico tentando produzir respostas afim de reformar pequenos conflitos sociais mantendo a ordem. Assim nos apresenta sinteticamente Lukács:

A forma científica na qual se manifesta este espírito da pequena burguesia capitalista é o ecletismo, a tentativa de erigir como “método” científico ou “por um lado...e por outro”, tão caro ao pequeno-burguês; de negar as contradições da vida ou, o que é a mesma coisa, de contrapor entre si, de maneira superficial, rígida e carente de mediações, determinações contraditórias. Ademais, este ecletismo se veste com roupagens tanto mais suntuosas quanto mais for vazio. Quanto mais de máscara de “crítico” e “revolucionário”, tanto maior é o perigo que representa para as massas trabalhadoras cuja revolta é ainda confusa. (LUKÁCS, 2010, p. 60)

Tal ecletismo, como já mencionamos anteriormente, foi duramente criticado por Marx, cuja identificação do caráter decadente atravessou todos os campos de

produção de conhecimento. A decadência, representando uma mudança de orientação no que diz respeito à identificação dos problemas existentes nesse novo modelo de sociedade instaurado, é representada pela classe das ideologias produzidas que por sua vez reproduzem um *método* de análise da realidade.

A validação dessas produções de visões de mundo com o passar do tempo exigiu a criação de uma pretensão de *neutralidade* nas ciências sociais, de sistematização de métodos científicos e de caminhos a serem percorridos para a produção de análises assim ditas *isentas* de “juízos de valor”, “preconceitos” e “ideologias”. A reorientação produzida pela decadência ideológica diz respeito justamente às escolhas, direta ou indiretamente feitas, acerca do tratamento dos objetos de análise e da proposição de respostas aos problemas sociais analisados. De forma geral, aos ideólogos eram apresentados a mesma gama de problemas e fenômenos colocados em outras épocas da civilização, ou seja, problemas oriundos do desenvolvimento do sistema social em curso:

A diferença reside “apenas” em que os ideólogos anteriores forneceram uma resposta sincera e científica, mesmo se incompleta e contraditória, ao passo que a decadência foge covardemente da expressão da realidade e mascara a fuga mediante o recurso ao “espírito científico objetivo” ou a ornamentos românticos. Em ambos os casos, é essencialmente acrítica, não vai além da superfície dos fenômenos, permanece no imediatismo e cara ao mesmo tempo migalhas contraditórias de pensamento, unidas pelo laço do ecletismo. (LUKÁCS, 2010, p. 61)

O “espírito científico objetivo” mencionado é justamente a *neutralidade* que pretende validar as análises e impor um caráter sério às respostas fornecidas, tal neutralidade na verdade é um mecanismo de mistificação da realidade, fugindo das raízes dos problemas analisados afim de preservar as estruturas de exploração que viabilizam a ordem burguesa.

Como mencionamos anteriormente, o fenômeno da alienação na sociedade capitalista possui ligação direta com o processo de decadência ideológica da burguesia, processo esse que influencia diversos aspectos de organização e reprodução da sociedade. O espraiamento e a influência que a decadência

ideológica adquiriu foi fortemente influenciado por outro complexo da sociedade capitalista, *a divisão social do trabalho*.

De acordo com Marx (2013), a divisão social do trabalho pode ser compreendida como a separação da produção entre tipos de produção como a agricultura, indústria, etc; e posteriormente a divisão entre as diversas subáreas de especialização dentro desses gêneros de produção. Apesar de ser mais antiga que a sociedade capitalista, a divisão social do trabalho assume uma profundidade e difusão que imprime mudanças qualitativas e quantitativas no modelo capitalista. (LUKÁCS, 2010)

No desenvolvimento da sociedade capitalista, tal divisão se aprofunda de tal maneira que a separação entre trabalho espiritual e físico assume aspectos cada vez mais significativos a tal ponto que dentro do trabalho espiritual ou intelectual separado cada vez mais “subespécies de especialistas”, o que atinge todas as classes sociais, inclusive as responsáveis pela direção da sociedade. O impacto da divisão social do trabalho na sociedade burguesa alcança patamares mais elevados de importância e influência na sociabilidade cotidiana. Segundo LUKÁCS

A divisão social do trabalho, portanto, não se limita apenas a submeter a si todos os campos da atividade material e espiritual, mas se insinua profundamente na alma de cada um, provocando nela profundas deformações, que se revelam posteriormente, sob variadas formas, nas diversas manifestações ideológicas. (LUKÁCS, 2010, p. 62)

A divisão social do trabalho criou uma gama de especialidades, não só em âmbito da produção material da riqueza social, mas principalmente na produção de ideologias e visões de mundo. A constante especialização das ciências sociais e a compartimentalização dos saberes produzidos acarretou na intensificação do processo de decadência ideológica, sendo tanto produtor quanto produto deste. Tal compartimentalização e especialização se tornou uma tendência e um fim “inevitável” do desenvolvimento da sociedade capitalista, trazendo consigo o método de tratamento e análise também parcelados das contradições sociais.

Tal abordagem dos problemas sociais, focalizada e particularista resulta também numa tentativa de resolução de conflitos também individualizada,

desconsiderando a noção de totalidade do funcionamento da sociedade. Através do desenvolvimento dessa abordagem criou-se diversos campos especializados no tratamento isolado dos problemas e no desenvolvimento ainda mais fragmentado de teorias, escolas filosóficas, correntes de pensamentos e métodos científicos, quase sempre com a reivindicação da pretensa neutralidade.

De acordo com Lukács, existe uma razão para que o desenvolvimento das ciências sociais tenha inevitavelmente seguido tal curso:

O fato de que as ciências sociais burguesas não consigam superar uma mesquinha especialização é uma verdade, mas as razões não são apontadas. Não residem na amplitude do saber humano, mas no modo e na direção de desenvolvimento das ciências sociais modernas. A decadência da ideologia burguesa operou nelas uma tão intensa modificação que elas não podem mais se relacionar entre si, e o estudo de uma não serve mais para promover a compreensão da outra. A especialização mesquinha tornou-se o método das ciências sociais. (LUKÁCS, 2010, p. 63)

Essa “especialização” tornada método das ciências sociais particularizou os saberes de forma que imprimiu um isolamento metodológico nas análises da realidade, o que por consequência apresenta uma diversidade de soluções aos problemas analisados. Tal compartimentalização dos saberes não corresponde ao único efeito da divisão social do trabalho na sociedade, ela também afeta profundamente a constituição do ser social sob o capitalismo, tendo um efeito *deformador* sob sua personalidade, sendo responsável também pelo processo de alienação que mencionamos no capítulo anterior.

A divisão social do trabalho, mediante o processo de *especialização* das atividades produtivas relega o indivíduo apenas à uma atividade, sem o ser social ter a menor ideia do funcionamento geral do seu trabalho. Segundo Lukács, para o ser social “a sociedade aparece como um místico e obscuro poder, cuja objetividade fatalista e desumanizada se contrapõe, ameaçadora e incompreendida, ao indivíduo” (LUKÁCS, 2010, p. 66)

Segundo o autor, esse fato esvazia a atividade social do trabalho de sentido, cujos efeitos fazem com que o ser social procure *significado* em sua vida privada, se

particularizando cada vez mais nesse processo e confinando sua individualidade numa existência alienada.

A decadência ideológica, como pudemos constatar através do resgate de parte dos pormenores de seu processo, tem incidência e impacto duradouro em diversos aspectos da sociedade burguesa, principalmente no que diz respeito ao ser social e às visões de mundo que são produzidas para fornecer explicações para os fenômenos da realidade social.

As contradições inerentes ao modelo de produção capitalista são mascaradas através de uma *fuga* ou *esvaziamento* da realidade, sendo priorizado a análise de problemas isolados. Tal fato, representado por uma mudança de orientação ideológica da produção de conhecimento e saberes logo após a revolução francesa impactou o desenvolvimento das ciências sociais e em consequência, as profissões que fazem uso de tais saberes para a instrumentalização de suas práticas.

A particularização dos saberes fez surgir sobre a produção de conhecimento dois fenômenos bastantes conhecidos do Serviço Social, mas não exclusivos: o sincretismo e o ecletismo, que trataremos mais detidamente no próximo capítulo. Todavia, é importante a compreensão dos efeitos que tal processo, a *decadência*, acarretou à sociabilidade burguesa e principalmente no que diz respeito ao fornecimento de ideologias que pretendem uma *apologia* ao capitalismo e a sua conservação.

3 O COTIDIANO COMO UMA QUESTÃO PARA O SERVIÇO SOCIAL

Como abordamos no capítulo anterior, a problemática envolvendo o cotidiano na sociedade burguesa bem como a influência da cotidianidade alienada no desenvolvimento das ciências humanas e sociais trouxeram inflexões sobre as profissões em âmbito geral e suas inserções dentro da divisão sócio técnica do trabalho.

Para discutirmos a importância da cotidianidade para o Serviço Social, necessitamos inicialmente resgatar o debate acerca das origens e bases da profissão, uma vez que tal discussão clássica, nos aponta o caminho para contextualizarmos a apreensão e absorção profissional sobre seu objeto e lócus de intervenção e sua conexão com o cotidiano.

Talvez a principal influência do processo de decadência ideológica nas ciências sociais e humanas seja a incidência de tal estatuto teórico sobre diversas profissões, entre elas o Serviço Social. Essa assertiva nos leva diretamente à discussão sobre os fundamentos profissionais e às principais teses que fomentam tal debate, a exemplo do sincretismo.

De acordo com NETTO (2005), o serviço social é composto por uma estrutura sincrética, proveniente de peculiaridades de sua natureza profissional e referenciais teóricos que o tornam medularmente desta forma. Assim nos diz o autor:

O sincretismo nos parece ser o fio condutor da afirmação e do desenvolvimento do Serviço Social como profissão, seu núcleo organizativo e sua norma de atuação. Expressa-se em todas as manifestações da prática profissional e revela-se em todas as intervenções do agente profissional como tal. O sincretismo foi um princípio constitutivo do Serviço Social. (NETTO, 2005, p. 92)

Essa constituição não é algo particular ou exclusivo do serviço social, mas parte de uma constituição sincrética das ciências sociais e humanas em geral, decorrente justamente da influência do processo de decadência ideológica da burguesia. Esse sincretismo se espalhou na maioria das profissões diretamente ligada às ciências humanas e “moldou” a maneira como essas profissões são fundamentadas teoricamente e como ocorre o processo de intervenção profissional.

Com o Serviço Social, a estrutura sincrética é fundamentada objetivamente por três elementos principais: o universo de problemas que representam as demandas histórico-sociais, o horizonte do exercício profissional e a modalidade específica de intervenção (NETTO, 2005).

O “universo” de problemas corresponde justamente às expressões da Questão Social⁷ e à sua natureza “difusa” e multifacetada, que impõe demandas cada vez mais variadas à prática profissional.

O horizonte do exercício profissional a qual se refere NETTO (2005) trata-se do *cotidiano*, categoria abordada anteriormente nesse trabalho e que está ligada à reprodução social do ser social. O cotidiano, trata-se do *lócus* por onde transita a intervenção profissional, ou seja, é na cotidianidade que se gestam as práticas profissionais e que se materializam os processos interventivos junto às expressões da Questão Social.

O último elemento da base sincrética do Serviço Social e que segundo o autor é o responsável por inscrever a profissão no “círculo de giz do sincretismo” é a modalidade específica de atuação profissional que se constitui numa “manipulação de variáveis empíricas de um contexto determinado” (NETTO, 2005, p. 97)

Tal manipulação diz respeito aos processos de intervenção profissional que buscam um rearranjo das condições ou problemáticas envolvendo os usuários dos serviços, mas que não necessariamente *sanam* tais problemáticas principalmente devido à natureza da Questão Social e suas expressões, *inerentes* à sociedade capitalista. Essa manipulação corresponde muitas vezes num “tratamento” das questões que incorre a práticas profissionais que remetem às protoformas da profissão, de caráter emergencial.

Essa modalidade de intervenção profissional exige do profissional a capacidade de leitura da realidade de forma a sanar as demandas cada vez mais

⁷ Questão Social, na definição de IAMAMOTO e CARVALHO trata-se das “expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão” (IAMAMOTO, CARVALHO, 1983, p. 77)

rápido e efetiva, sendo-lhe exigido um conhecimento social capaz de ser *instrumentalizado*. (NETTO, 2005) Todavia, uma capacidade de leitura da realidade que abarque a noção de *totalidade*, e, portanto, seja capaz de identificar a raiz dos problemas, é incompatível com a exigência teórica que pretende formular uma intervenção capaz de manipular processos sociais segmentados e particularizados em demandas cada vez mais específicas.

Daí surge uma ligação íntima entre esse aspecto específico do serviço social e o processo de decadência ideológica da burguesia, que desencadeou um processo de parcelamento das ciências e compartimentalização dos saberes. A necessidade de se instrumentalizar e principalmente especificar as intervenções profissionais sempre foi mais compatível com vertentes teóricas fundantes das ciências sociais principalmente do período da decadência, como as de raízes positivistas, que propiciam subsídios teóricos para uma prática profissional mais pragmática.

O serviço social em sua atuação profissional lida com o rearranjo da cotidianidade justamente através da manipulação das variáveis. Esse processo se constitui no interior das instituições e espaços sócio ocupacionais dos assistentes sociais e tendem, dentro da estrutura do Estado se burocratizar cada vez mais, um traço também intimamente ligado à decadência ideológica:

A burocratização da vida social é a práxis típica da fase decadente da burguesia e ocorre quando certas atividades e procedimentos práticos são coagulados, formalizados e repetidos mecanicamente. Por meio dessa práxis burocrática, assumida como procedimento indispensável ao funcionamento das instituições, empobrece-se a ação humana que é continuamente afastada de sua relação com a realidade social e suas finalidades. (MARANHÃO, 2016, p. 177)

Essa ação burocrática exigida no interior das instituições e pela prática profissional limita o campo de reflexão do agente social responsável pela intervenção, o que tende a suprimir a dimensão investigativa da atuação e esvaziar o conteúdo político da intervenção na realidade. A práxis burocrática acaba por se configurar numa prática repetitiva que distancia o sujeito da realidade em que ele incide, o que resulta numa espécie de alienação:

A burocratização, presente nos espaços institucionais, aparece como uma forma específica de alienação a que estão submetidos tais profissionais. A práxis burocrática das instituições reifica determinados elementos da realidade social que chegam aos assistentes sociais, transformando-as em “regras” formais de atendimento e intervenção profissional. (MARANHÃO, 2016, p. 178)

Essa burocratização é resultado do processo de absorção da profissão por parte do aparelho Estatal, principalmente na época dos monopólios, em que o Estado tomou para si a tarefa de fornecer resoluções às múltiplas expressões da Questão Social. Essa incorporação contribuiu majoritariamente para inscrever a profissão dentro da divisão sócio-técnica do trabalho, o que por um lado fomentou a transformação profissional no sentido de problematização de suas bases teóricas e por outro consolidou a forma específica de intervenção profissional:

A profissionalização instaurou idealmente um quadro de referência e de inserção prático-institucional que cortou com as protoformas do Serviço Social. A representação intelectual do processo social, das mazelas que nele comparecem, das requisições técnicas que seu diagnóstico e tratamento reclamam etc. – estes passos formalizados pelo assistente social, apenas episodicamente encontram-se nos agentes assistencialistas. A validação efetiva destes passos, todavia, permaneceu jungida à mesma eficácia que validava a prática assistencialista - a eficácia na manipulação de variáveis empíricas, no rearranjo do cotidiano. Se, *idealmente*, a profissão colocou as bases para uma peculiar intervenção sobre as refrações da “questão social”, *faticamente* esta intervenção não se ergueu como distinta. Noutros termos: a forma da prática profissional, *nas suas resultantes*, não obteve um coeficiente de eficácia capaz de diferenciá-la de outras práticas, profissionais ou não, incidentes sobre a mesma problemática. (NETTO, 2005, p. 100)

Desta forma existe uma contradição entre a formulação ideal do que se caracteriza a profissão e sobre quais problemas ela deve intervir e entre a intervenção propriamente dita, quais procedimentos realizar, principalmente levando em consideração a inserção profissional nas instituições do aparelho estatal, que ocorre de forma aleatória. Essa contradição ou paradoxo, seria justamente o *anel de ferro* à qual está aprisionado a profissão:

Nas condições dadas pelos parâmetros que balizam a sua operacionalização, o máximo que se obtém com seu desempenho profissional é uma *racionalização* dos recursos e esforços dirigidos para o enfrentamento das refrações da “questão social”. Cria-se, então, o anel de ferro que aprisiona a profissão: cortando com as práticas das suas protoformas, não se legitima socialmente por

resultantes muito diversas. A sua prática, orientada por um sistema de saber e inserida institucionalmente no espectro da divisão social (e técnica) do trabalho, não vai muito além de práticas sem estes atributos. (NETTO, 2005, p.103)

É importante pontuarmos, principalmente para ressaltar a ligação íntima entre decadência ideológica e sincretismo e entre o serviço social como uma profissão *produto* das relações sociais capitalistas e profundamente moldada pelo desenvolvimento da sociabilidade burguesa, que a especificidade de atuação profissional e a incontestável contradição entre formulação ideal da profissão e utilização de uma razão instrumental na prática não se trata de uma fato exclusivo do Serviço Social, mas algo constitutivo da sociedade capitalista devido ao processo de fetichismo da mercadoria.

De acordo com NETTO (2005), é próprio da sociabilidade burguesa a instauração de uma “pseudo-objetividade” como padrão relacional, o que no plano intelectual realiza uma fuga da razão teórica, resultando numa razão “formal-burocratizada”. Ou seja, realiza-se a priorização dessa razão burocratizada porque ela fornece um arsenal teórico capaz de se instrumentalizar e assim controlar e manipular as variáveis presentes na realidade social que se pretende intervir. Esse padrão relacional e tipo específico de razão deriva da sociabilidade burguesa e mais ainda *se criou* a partir dela, mediante o processo de decadência ideológica. Devido a essa íntima relação entre constituição de um modelo de sociabilidade e formulação ideal de uma razão *a partir* dele é que essa razão instrumental burocrática se mostra *eficaz* no processo de intervenção na realidade.

Ora, se a própria forma de se racionalizar a realidade empiricamente observada se constitui a partir de um modelo que evidencia e prioriza aspectos particulares e manipuláveis, a instrumentalização de tal modelo teórico será eficaz porque a intervenção na realidade estará ligado ao raio de alcance da visão de mundo de tal racionalização. Isso quer dizer, que é possível identificar por quais razões tais modalidades de intervenção se consolidaram nas práticas profissionais e porque a burocratização de tais práticas se fez um modelo na sociedade capitalista.

Essa compreensão nos fornece subsídios para entender como por exemplo uma determinada intervenção consegue rearranjar as variáveis para *atenuar* as

problemáticas da Questão Social mas nunca pôr fim à ela, principalmente por causa do horizonte à qual a razão instrumental burocrática está preso, que também corresponde ao lócus de atuação profissional, o cotidiano:

A explicação como na intervenção, este referencial não rompe com a positividade com que se apresentam os processos sociais na moldura societária burguesa – não a rompe, fundamentalmente, porque não supera a sua *imediaticidade*. No plano da articulação teórica, ultrapassa o senso comum com uma formulação sistemática, entretanto sem desbordar o seu terreno; no plano da intervenção, clarifica nexos causais e identifica variáveis prioritárias para a manipulação técnica, desde, porém que a ação que sobre elas vier a incidir não vulnerabilize a lógica medular da reprodução das relações sociais. (NETTO, 2005, p.101)

Outra consequência dessa prática profissional é a *reposição intelectual do sincretismo*, ou seja, se a exigência da intervenção profissional é a manipulação de variáveis empíricas, todas as linhas de análise e procedimentos técnicos que se mostram efetivos na realização de tal exigência são legitimados e validados profissionalmente e intelectualmente independente do estatuto teórico de tal linha de análise, lógica ou formulação instrumental. (NETTO, 2005)

Tal reposição intelectual traz consigo um fenômeno conhecido no Serviço Social, o ecletismo teórico, caracterizado pelo que se caracteriza como uma “coletânea acrítica de teorias, categorias e conceitos por vezes contraditórios, tudo em nome da captura de fragmentos de teoria que sejam capazes de explicar, também fragmentariamente, a realidade setorial com que se defronta o profissional.” (SOUZA, 2014, p. 536)

O ecletismo teórico se consolida e se manifesta justamente a partir das exigências da prática profissional de sistematização e instrumentalização de teorias que sejam capazes de explicar a realidade social, e já que a realidade social é cada vez mais heterogênea e composta por expressões multifacetadas da Questão Social é necessário (em tese) um caleidoscópio de teorias para compreendê-la.

Daí surgem as “sopas ecléticas” (LUKÁCS, 2010, p. 61) às quais Lukács se referiu ao tratar da decadência ideológica da burguesia. Uma expressão designada justamente para a transformação nos diversos campos de conhecimento e no

parcelamento das ciências humanas e sociais aliadas à mudança de orientação própria dos ideólogos da época.

Ecletismo teórico no Serviço Social trata justamente da elaboração dessas “sopas”, tratando-se justamente da apropriação por parte da profissão de diversas matrizes teóricas, correntes de pensamento e autores com visões de mundo muitas vezes incompatíveis, mas que se misturaram no desenvolvimento da profissão e tiveram suas reflexões incorporadas devido às exigências da prática.

Tais exigência se fazem presentes na necessidade de instrumentalização dos conhecimentos adquiridos na formação profissional e na multiplicidade de fenômenos com os quais trabalhar na cotidianidade. Disso resulta a dinâmica entre a prática indiferenciada e a reposição intelectual do sincretismo que ela exige, dinâmica essa que se retroalimenta no interior da constituição profissional e que MARANHÃO sintetiza bem:

Podemos afirmar que, se por um lado, a estrutura sincrética do Serviço Social cria a ilusão entre os profissionais de que as posturas metodológicas formal-abstratas (empiristas e idealistas), baseadas na mera manipulação de variáveis empíricas ou no tratamento de subjetividades individualizadas, oferecem o instrumental teórico mais adequado ao fazer profissional, por outro lado, a adoção dessas posturas metodológicas na profissão reproduz, no plano teórico-acadêmico, o seu inerente sincretismo. Essa via de mão dupla cria um verdadeiro circuito mistificador em que os profissionais se veem aparentemente premidos a encontrar soluções meramente instrumentais para responder às demandas imediatas do cotidiano profissional e, com isso, reproduzir aquilo que é inerente à condição social da profissão. (MARANHÃO, 2016, p.180)

Essa dinâmica que ocorre na prática profissional e que repõe o sincretismo no Serviço Social, deixa claro que a superação ou rompimento com a estrutura sincrética da profissão é inviável. O sincretismo se constitui no Serviço Social de forma ontológica e está ontologicamente conectado com a prática profissional, o que faz com que se reponha continuamente, o que não exclui as possibilidades de uma prática referenciada em pressupostos teórico-metodológicos de perspectiva crítica e que forneçam subsídios para uma intervenção na sociedade que possa ir além das aparências dos fenômenos empiricamente analisados.

A discussão sobre a base sincrética da profissão fornece uma importante contribuição para o debate sobre o surgimento e gênese do Serviço Social, cujas raízes se encontram na própria sociabilidade burguesa. Outra importante contribuição é a que discute uma perspectiva endogenista da profissão e que analisaremos a seguir.

De acordo com MONTAÑO (2007), no Serviço Social, existem duas teses acerca de sua gênese, teses essas que se opõem tanto em formulação quanto em significado histórico da profissão. A perspectiva endogenista enxerga o Serviço Social como uma profissão que tem sua origem na “evolução, organização e profissionalização das formas ‘anteriores’ de ajuda, da caridade e da filantropia, vinculada agora à intervenção na ‘questão social’”. (MONTAÑO, 2007, p. 20)

Segundo o autor, essa perspectiva de enxergar a profissão é representada através de diversas análises de variados autores e que apesar de possuírem ênfases diferentes nos focos de análise, carregam em si a mesma tese endogenista. A profissão segundo essa tese, é vista e analisada a partir de si mesma, sem a devida consideração por parte dos autores, da realidade histórica da sociedade como fundamento e causalidade da gênese e desenvolvimento profissional. (MONTAÑO, 2007)

Essa visão *endógena*, atribui ao Serviço Social uma “autonomia histórica com respeito à sociedade, às classes e às lutas sociais” (MONTAÑO, 2007, p.27) Situando o Serviço Social em diferentes etapas históricas e em diferentes contextos, essa tese acaba por, ao explicar a gênese profissional, sempre remeter a si mesmo, tendo uma natureza *intrínseca*.

A segunda tese acerca da gênese do Serviço Social, representa a perspectiva histórico-crítica. Ela surge justamente em oposição à anterior e enxerga o surgimento da profissão como um produto resultante

Da síntese dos projetos político-econômicos que operam no desenvolvimento histórico, onde se reproduz material e ideologicamente a fração de classe hegemônica, quando, no contexto do capitalismo na sua idade monopolista, o Estado toma para si as respostas à ‘questão social’ (MONTAÑO, 2007, p. 30)

Essa perspectiva sustentada pelos principais autores do Serviço Social e que representam a parcela hegemonicamente consolidada da produção de conhecimento acerca de, e para a profissão, entende o assistente social como um profissional cujo papel desempenhado tem um viés político, com uma função que não se explica em si mesma, mas a partir do local ocupado por ele na divisão sociotécnica do trabalho. (MONTAÑO, 2007)

Essa clareza no sentido de situar historicamente a profissão permite-nos analisar o papel específico que lhe é exigido desempenhar, ou seja, “participar na reprodução tanto da força de trabalho, das relações sociais, quanto da ideologia dominante” (MONTAÑO, 2007, p. 31)

A partir dessa perspectiva, a profissão é entendida como um *resultado histórico*, sendo tanto produto quanto reprodutora das relações sociais. A partir dessa visão a emergência profissional não é algo isolado da historicidade, cuja existência propicia o surgimento de um espaço sócio-ocupacional, ao contrário, é a existência de tal espaço na divisão social trabalho que leva à constituição profissional. Sendo assim, segundo NETTO (2005), a profissionalização do Serviço Social não é explicada a partir da evolução contínua de suas protoformas mas sim, a partir de sua ruptura com elas.

Essa tese, apresenta uma perspectiva crítico-dialética, já que define que a origem do Serviço Social possui a marca do capitalismo, em específico a etapa monopolista, discutida por NETTO (2005) em *capitalismo monopolista e Serviço Social*. Tal marca aponta o surgimento do serviço social como profissão na etapa do capitalismo dos monopólios, em que ocorre uma explosão das expressões da questão social e a absorção do Estado da responsabilidade no enfrentamento de tais problemáticas.

De acordo com MARTINELLI (1991), a partir de um análise formulada através do referencial teórico marxista, a origem da profissão apresenta juntamente com a marca do capitalismo, as suas variáveis constitutivas, como alienação, contradição e antagonismo, e que portanto se articula a um projeto de hegemonia de poder burguês sendo inserido dentro de uma estratégia de controle social.

Para a profissão, tais variáveis constitutivas oriundas de sua vinculação ao capitalismo, são sentidas principalmente no seu lócus de atuação profissional em que são gerenciados os instrumentais profissionais de enfrentamento à questão social e que também corresponde ao lócus de reprodução imediato do ser social: o cotidiano.

3.1 Cotidiano e Serviço Social

No caminho percorrido até este ponto podemos verificar a importância do cotidiano para a sociabilidade burguesa e sua influência na profissão, principalmente se constituindo como um *horizonte de intervenção do Serviço Social*. Também abordamos no primeiro capítulo as principais categorias que compõem a vida cotidiana, que encontram-se sintetizadas brevemente em MARANHÃO (2016):

As determinações fundamentais da cotidianidade podem ser sintetizadas nas seguintes características:

- A heterogeneidade – a vida cotidiana constitui um universo heterogêneo em que, simultaneamente, se movimentam fenômenos e processos de natureza complexa;
- A imediatividade – o padrão de comportamento próprio da cotidianidade é a relação direta entre pensamento e ação; a conduta específica da vida cotidiana é a conduta imediata, na qual o espontaneísmo e o automatismo são as respostas adequadas às demandas que surgem;
- A superficialidade – a imediatividade e a heterogeneidade da vida cotidiana implicam que o indivíduo responda levando em conta o somatório dos fenômenos que comparecem em cada situação precisa, sem considerar as relações que os vinculam. (MARANHÃO, 2016, p. 173)

Identificadas tais características, podemos compreender os caminhos que levaram a profissão a assumir determinadas funções sócio históricas de organização da cotidianidade desenvolvendo uma prática focada na manipulação dos componentes da vida cotidiana.

O cotidiano, ao ser verificado como uma das principais características constitutivas da base sincrética do Serviço Social e por consequência assumir parte relevante na discussão do surgimento da profissão, necessita ser abordado de forma crítica e ontológica, permitindo-se assim a apreensão correta de tal categoria de análise e de sua relevância para a categoria profissional.

Como abordamos brevemente no primeiro capítulo, o cotidiano possui uma *tendência* a ser alienado justamente devido às características de sua composição. De acordo com HELLER (1992) a vida cotidiana é uma das esferas que mais se presta à alienação, justamente pela sua configuração enquanto lócus heterogêneo, superficial e imediatista. Essa compreensão da problemática do cotidiano nos permite analisar de que maneira são *veiculadas* e reproduzidas as alienações no cotidiano e de que maneira isso influencia a presença de determinadas práticas na profissão, sendo inclusive possível a realização de uma crítica dessa cotidianidade. Conforme aponta IAMAMOTO

A crítica da vida cotidiana implica concepções e apreciações sobre o conjunto da vida social, de modo a situar o cotidiano na totalidade da sociedade capitalista, que o cria como um selo histórico determinado, envolvendo, pois, uma estratégia de conhecimento e de ação. (IAMAMOTO, 2008, p.272)

O conhecimento sobre a forma que a vida cotidiana assume em cada momento histórico, perpassa a compreensão do elemento de totalidade da sociabilidade burguesa, cuja forma de reprodução também se altera em cada tempo histórico, assumindo fases dentro da dinâmica capitalista. Todavia, apreender quais características e categorias compõem ontologicamente a cotidianidade possibilita um olhar crítico às dinâmicas societárias, principalmente àquelas que são atravessadas pela influência da cotidianidade.

O sincretismo é reconstruído no plano intelectual principalmente devido à reprodução no plano ideal da imediatricidade do fenômeno empírico observado na realidade da prática profissional (MARANHÃO, 2016). Ou seja, a imediatricidade desempenha um importante papel na reposição intelectual do sincretismo na profissão, de modo que a forma *imediatista* de se apreender os fenômenos incorre em uma práxis manipulatória (Coutinho, 2010)

Determinadas práticas na profissão, são produtos não apenas da vinculação profissional com a vertente conservadora ligada à Teoria Social da Igreja Católica, mas também frutos do sincretismo da prática mesmo após o processo de *intensão de ruptura*. (NETTO, 2005)

Determinadas práticas reproduzem o conservadorismo no sentido de *conservação* da ordem burguesa e são repostas mediante o traço imediatista da cotidianidade, que exige do profissional respostas rápidas e adequadas aos processos burocratizados institucionais.

Isso não quer dizer, todavia, que sob a influência do sincretismo e as determinações a ele inerentes, toda e qualquer prática profissional será conservadora e manipulatória, apenas que tal influencia *contribui* para tal. O que é necessário para constituir uma práxis profissional que fuja a tais características é o desenvolvimento de uma leitura de realidade social que seja capaz de apreender o movimento concreto da realidade em sua totalidade, gerando uma intervenção crítica sobre os fenômenos (MARANHÃO, 2016).

Como mencionado anteriormente, o processo de decadência ideológica da burguesia fez surgir uma razão pseudo-objetiva na sociedade burguesa, o que influencia diretamente diversas profissões baseadas numa intervenção na realidade social. Essa objetividade, também presente na prática profissional do assistente social impõe uma limitação à análise realizada no exercício profissional, priorizando as evidências empíricas e fenomenológicas das problemáticas sociais. Segundo GUERRA:

A resultante é a eliminação das particularidades que medeiam os fenômenos, fatos e processos sociais. O conhecimento passa a ser um conjunto de conceitos discriminados que representem coisas, apartadas e individualizadas entre si, a partir das quais os indivíduos concebem a realidade e cristalizam-se, tanto pelo hábito quanto pela reincidência dos problemas com os quais o profissional se defronta, até que sejam contrariados ou relativizados pela apreensão de níveis mais altos do conhecimento. (GUERRA, 2005, p.171)

Essa assertiva nos leva diretamente à problemática da imediatividade que mencionamos no primeiro capítulo, cuja presença na vida cotidiana tende a *suprimir* algumas mediações e a *cristalizar* outras, mediando o processo de repetição. Essa problemática também se verifica na prática profissional do assistente social, principalmente devido à inserção do profissional nos espaços sócio ocupacionais do Estado, cuja intervenção tende a ser burocrática e repetitiva.

A partir das exigências de uma prática profissional cada vez mais eficiente, no sentido de atender um número cada vez maior de demandas, é esvaziada a dimensão investigativa da prática, dimensão essa que poderia fornecer ao assistente social as mediações necessárias para a abordagens das problemáticas cotidianas a partir de uma visão de totalidade da sociedade.

A dimensão investigativa é cada vez mais cerceada por causa da imediatividade cotidiana, do rearranjo da cotidianidade que perpassa toda a sociedade, se altera e se intensifica à medida que o capitalismo exige mais do ser social. O cotidiano, se torna mais frenético, heterogêneo, *imediatista* e isso tem efeitos nos processos de intervenção profissional cujo lócus de atuação privilegiado é o cotidiano.

Isso quer dizer que a *manipulação* indiscriminada do cotidiano é um dado inerente à sociabilidade burguesa, sendo realizado através de ideologias, aparelhos de repressão estatal, aspectos culturais, padrões de consumo etc. Todas essas variáveis que fazem seu trabalho na manipulação cotidiana são importantes para que ao Ser Social aparente que sua vida, a vida *particularizada* à qual ele está submetido sob a lógica de reprodução capitalista, seja seu único fim, seja *inescapável*.

Assim como a vida cotidiana tem sua dinâmica atualizada mediante as transformações do sistema capitalista, os mecanismos de manipulação e dominação da cotidianidade também se alteram através das décadas, principalmente na *sofisticação* de seus métodos em se converter não apenas na aparência de instrumentos inofensivos de manipulação como também se mostrar ao Ser Social como algo produzido por ele próprio, algo que lhe confere *liberdade*. Segundo Lukács, o capitalismo se atualiza de forma “que todas as manipulações econômicas, sociais e políticas dominantes se convertem em instrumentos mais ou menos conscientes para acorrentar o homem à sua particularidade e, desse modo, à sua alienação.” (LUKÁCS, 2013, p.797)

A cotidianidade, como parte constitutiva da sociabilidade burguesa, ligada diretamente à reprodução social, é impossível de ser erradicada. Todavia, é possível

a realização de uma *suspensão* do cotidiano quando o ser social consegue superar a sua particularidade, confluindo todos os seus esforços numa objetivação mais duradoura, menos imediata e menos instrumental. Segundo NETTO, esse é um tipo de objetivação que

Suspende a heterogeneidade da vida cotidiana – que homogeneiza todas as faculdades do indivíduo e as direciona num projeto em que ele transcende a sua singularidade numa objetivação na qual se reconhece como portador da consciência humano-genérica. (NETTO, 2007, p.69)

Essas objetivações permitem que haja essa suspensão da heterogeneidade cotidiana e que o ser social se perceba como algo *a mais* do que geralmente ele se percebe enquanto indivíduo particular. De acordo com Lukács, existem três tipos de objetivações que permitem a suspensão da cotidianidade: o trabalho criador, aquele que não é alienado, a arte e a ciência. Essas objetivações se diferenciam das objetivações realizadas na vida cotidiana devido ao seu complexo processo de desenvolvimento histórico que as fez adquirir autonomia e legalidade próprias, sendo, portanto, parte constitutiva do Ser Social.

Tais objetivações, entretanto, não propiciam uma eliminação da cotidianidade, mas apenas a sua suspensão. De acordo com NETTO

*Elas – que permitem aos indivíduos, via homogeneização, assumirem-se como seres humano-genéricos – não podem ser contínuas: estabelecem um circuito de retorno à cotidianidade; ao efetuar este retorno, o indivíduo enquanto tal comporta-se cotidianamente com mais eficácia e, ao mesmo tempo, percebe a cotidianidade diferencialmente: *pode* concebê-la como espaço compulsório de humanização (de enriquecimento e ampliação do ser social). (NETTO, 2007, p. 70)*

Essas objetivações, ao serem instrumentos de suspensão da cotidianidade, não apenas permitem a correta compreensão do cotidiano pelo ser social após o processo de suspensão, mas através da dinâmica dialética de incidência das exteriorizações do ser social na realidade, tais objetivações *enriquecem* a vida cotidiana à medida em que dotam os fenômenos sociais de significado.

Elas são responsáveis, portanto, por empreenderem processos *desalienadores* no ser social, à medida que ampliam e enriquecem as possibilidades

de mediações a serem realizadas para a compreensão da realidade. No caso do serviço social, cujo *lôcus* de atuação profissional é o cotidiano e a necessidade da prática *exige* a realização de objetivações cotidianas, a suspensão da cotidianidade é um tanto mais dificultada.

Todavia, não é impossível uma prática profissional capaz de suspender a cotidianidade. Como mencionamos anteriormente, a práxis manipulatória pode ser atenuada utilizando-se de um arsenal teórico que possibilite a apreensão mais próxima o possível do movimento concreto da realidade social. Da mesma maneira, tal arsenal teórico pode possibilitar a suspensão da cotidianidade na prática profissional principalmente porque pode dar *vasão* à dimensão investigativa possibilitando uma compreensão da totalidade dos processos em que se pretende intervir.

O cotidiano, como buscamos discutir, possui importância nos debates pertinentes à profissão principalmente no que diz respeito à sua posição ocupada na estrutura sincrética do serviço social. A correta compreensão de tal categoria teórica, de forma ontológica, propicia uma melhor apreensão dos fenômenos sociais contemporâneos, e que ganham luz justamente na cotidianidade.

O sincretismo, parte constitutiva da profissão, traz consigo problemáticas e contradições que se repõem no desenvolvimento do Serviço Social, acompanhando o curso da luta de classes nas sociedade capitalista. Como um produto histórico da luta de classes, o Serviço Social possui em sua constituição traços significativos dessas contradições sociais e reage à elas de forma também contraditória.

Em busca da superação de determinadas práticas profissionais impostas pela estrutura sincrética ocorreu no interior da profissão, principalmente nos circuitos acadêmicos da produção de conhecimento, grandes avanços no sentido de consolidar a teoria crítica como arcabouço teórico para subsidiar a prática. Esses avanços não se deram sem reproduzir as contradições inerentes ao próprio marxismo, a negligência de algumas categorias teóricas e a produção de polêmicas no interior da profissão.

Na tentativa de *atenuar* as expressões do sincretismo na prática também resultou numa organização mais forte da categoria profissional, cujas intervenções junto aos assistentes sociais tentam acompanhar as problemáticas da luta de classes brasileira, fornecendo aparatos e “parâmetros para atuação” nas diversas políticas sociais existentes numa tentativa de superação da prática indiferenciada.

Ao mesmo tempo, temos um esforço no sentido de conectar os assistentes sociais em diversos campos de atuação para as problemáticas e tendências da luta de classes contemporânea, chamando à reflexão sobre questões como racismo, LGBTQfobia, legalização do aborto, xenofobia, etc. que chegam aos profissionais através das coletâneas do CFESS Manifesta. Essas discussões permitem aos assistentes sociais o acesso à um leque de mediações que podem ser úteis em suas práticas profissionais cotidianas e que podem permitir até uma suspensão da cotidianidade alienada inerente à reprodução social.

O sincretismo, como pudemos observar constitui um dado da realidade material, produzido pelo desenvolvimento da sociedade burguesa, cujas características são incorporadas em diversos campos profissionais e de produção de conhecimento. A vida cotidiana e a alienação, estão intimamente ligados e possuem entre si uma relação de dependência, no sentido de que a cotidianidade não seria *realizável* sem a presença de algumas alienações, que fazem o ser social levar adiante sua existência, um dia após o outro. Ao mesmo tempo, a alienação *necessita* da vida cotidiana para se espalhar, para atingir todos os seres, mediada pela ideologia e de forma a consolidar a dominação de classe.

O Serviço Social, enquanto profissão inserida na divisão sócio-técnica do trabalho e produto das contradições históricas, possui marcas que lhe são características de seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que reproduz tal sociabilidade, sendo assim um objeto da realidade social permanentemente mutável e contraditório. Todavia, como uma profissão formada por sujeitos históricos e políticos, carrega consigo as perspectivas e visões de mundo desses sujeitos, que, em último caso, incidem na realidade mediados por diversos fatores, entre eles, a

formação profissional, que pode lhe conferir um meio pelo qual a sua realidade será transformada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa aqui desenvolvida, analisamos algumas problemáticas que, no decorrer do trabalho, se mostraram relevantes. Ao estudarmos a tríade Cotidiano, Alienação e Serviço Social, conseguimos encontrar pontos de intersecção em que as discussões se encontram e se complementam para o entendimento da sociedade capitalista e os seus aspectos que interessam à profissão

Neste trabalho buscamos empreender uma análise inicial dos fenômenos que atravessam a vida cotidiana e caracterizar e contextualizar as principais categorias que compõem a cotidianidade. Tal busca se deu com a aparato teórico de cunho marxista fornecido principalmente pelo autor húngaro György Lukács, bem como influenciado pelo próprio Marx em seus escritos.

A tentativa de caracterização das principais categorias da vida cotidiana de forma ontológica se fez principalmente pela necessidade sentida de um aprofundamento das raízes de tal estrutura, bem como da contextualização necessária para a discussão da alienação na vida cotidiana que viria posteriormente.

A vida cotidiana, como anteriormente apresentado possui diversas características que lhe são constitutivas, além de categorias que estão presentes em sua constituição e que fazem parte da realidade social ontologicamente fundada no trabalho. A discussão da alienação na vida cotidiana, também foi realizada com base na caracterização da cotidianidade, principalmente por assumir contornos diferenciados.

A alienação na vida cotidiana atravessa a constituição da personalidade, como pudemos identificar, e se mobiliza e se espalha na sociedade capitalista mediante o uso da *ideologia*. As alienações de cunho *ideológico* são as mais

presentes na vida cotidiana e as que mais dificilmente são erradicadas, justamente pelo caráter aderente da ideologia no ser social.

Também realizamos um resgate dos fundamentos do trabalho alienado no modo de produção capitalista e a relação entre a alienação oriunda deste, e o processo de decadência ideológica da burguesia. Tal processo, influenciou e impactou diretamente a transformação das ciências sociais e a mudança de orientação no interior das visões de mundo produzidas a partir dali, com o objetivo de conservação da ordem burguesa.

O processo de decadência ideológica da burguesia, através de seu impacto nas ciências sociais, fomentou o sincretismo ideológico, que impacta diversas profissões mais diretamente ligadas à intervenção na realidade social. O Serviço Social, portanto, tem em sua constituição o sincretismo, que por sua vez é produto da decadência ideológica, ligando assim, a profissão a esse processo.

Por fim, observamos a ligação entre cotidiano, decadência ideológica e serviço social, buscando demonstrar a importância do tratamento da cotidianidade para a profissão.

Ao concluir esse trabalho, podemos chegar a algumas breves sínteses que demonstram o acúmulo de conhecimento no processo de investigação aqui empreendido. A cotidianidade, tão escassamente problematizada, ou por vezes analisada em seu caráter imediatista, necessita de uma compreensão que atravesse os fundamentos ontológicos da sociabilidade burguesa e que se aproximem da realidade concreta.

A alienação, fenômeno tão presente nas discussões acerca das contradições do capitalismo e permeado de polêmicas, possui em si diversas nuances e especificidades que por vezes fogem à nossa compreensão. Em se tratando de capitalismo, alienação é quase sempre ligada em sua dimensão econômica, como a privação do ser social dos resultados do seu trabalho. Os aspectos ideológicos da alienação, como pudemos observar no primeiro capítulo apresentam uma perspectiva importante de análise do fenômeno, principalmente devido à

centralidade da ideologia no processo de espraçamento da alienação junto à reprodução social.

Contemporaneamente, observamos a influência cada vez maior da religião nos processos políticos e sociais em curso, o crescimento do fundamentalismo e do poder de mobilização que ela possui. Ao compreendermos de que forma a alienação religiosa funciona, principalmente seu aspecto ideológico, conseguimos olhar tais fenômenos com uma clareza maior.

Talvez o aspecto mais relevante de se problematizar a alienação e como ela opera na cotidianidade seja a identificação do uso da ideologia nesse processo e do poder que ela possui. Refletir essa importância nos faz crer não apenas numa possibilidade de compreender as transformações na sociedade que estamos vivenciando, mas também compreender períodos históricos contraditórios e polêmicos.

Entendendo essa importância, pudemos chegar aos fundamentos do trabalho alienado com uma compreensão mais apurada de tal processo de forma a entendermos mais acertadamente a centralidade do trabalho para a constituição do ser social.

A decadência ideológica, fenômeno raramente discutido, se mostrou no decorrer das análises importante para compreendermos diversas dinâmicas contemporâneas, principalmente quanto à produção de conhecimento e à veiculação de correntes de pensamento e visões de mundo que metodologicamente realizam uma conservação da ordem vigente.

O sincretismo assim como o ecletismo, são frutos de tal fenômeno e aparecem em diversas áreas de conhecimento e campos profissionais inscritos na divisão sócio-técnica do trabalho, justamente devido à ligação entre decadência e divisão social do trabalho. Não são portanto, fenômenos exclusivos da profissão, mas partes constitutivas do desenvolvimento do capitalismo e que compreendidas desta maneira, nos permitem um melhor entendimento da bases do Serviço Social.

O fenômeno do ecletismo no Serviço Social, que aparece como *tendência* teórica se ancora principalmente no processo da decadência ideológica, quando se

caracteriza pela reunião de diversas teorias e correntes de pensamento incompatíveis entre si. Tal fenômeno, cujo maior representante é a presença da *pós-modernidade* na produção de conhecimento, acaba por atualizar o conservadorismo na profissão, na medida em que veicula interpretações da realidade que mascaram as contradições sociais e contribuem para a conservação da ordem burguesa.

As correntes de pensamento pós-modernas não são inevitavelmente conservadoras, mas possuem dentre elas expressões ecléticas que fazem uso de teorias estruturalistas, fenomenológicas e neopositivistas cujas expressões metodológicas se mostram conservadoras.

O tratamento de tais incidências na profissão e análise à luz da decadência ideológica se coloca como uma necessidade de aprofundamento de tais questões, impossíveis de serem abordadas com o devido espaço aqui. Todavia, podemos supor como resultado dessa presença um atualização do conservadorismo na profissão que corresponde ao avanço conservador de modo geral na sociedade capitalista.

Se observarmos atentamente o aprofundamento da lógica neoliberal e de que forma ela molda e controla a cotidianidade, podemos ter um indicativo das transformações existentes quanto às exigências da prática profissional. Ao obedecer a racionalidade do mercado, que exige um trabalhador cada vez mais voltado à questões práticas e tecnicistas, também é exigido que a formação profissional se modifique para atender tais necessidades. É a partir daí que ganham força no campo da produção de conhecimento perspectivas teóricas que priorizem a análise superficial e imediatista dos fenômenos além de, visões de mundo que corroborem com a perspectiva neoliberal de “empreendedorismo”, “meritocracia” etc.

Tudo isso é mediado pela alienação cotidiana, cujas ideologias mencionadas ganham adeptos crescentemente, transformando tais visões de mundo que priorizam a meritocracia e o empreendedorismo em discursos utilizados para tensionar o Projeto ético-político do Serviço Social por exemplo.

Tais tensões são produzidas pelas contradições existentes entre as formas específicas contemporâneas de reprodução da sociedade burguesa e as dificuldades encontradas em materializar o projeto ético-político profissional. Estamos, pois, em uma fase do capitalismo tardio cuja maior expressão é o capitalismo financeiro, que não apenas possui especificidades nunca antes vistas nas formas de acúmulo e extração de mais-valia mas também impõe sobre a sociabilidade uma lógica de reprodução social bastante específica, cujo neoliberalismo é o maior representante.

Tal lógica veicula na sociabilidade ideologias que promovem a valorização da *individualidade burguesa* e a expressão da personalidade baseada em padrões de consumo, tudo isso contribuindo para o encerramento do ser social na sua particularidade e a manutenção da alienação na sociedade.

A alienação portanto, segue sendo uma categoria relevante para a apreensão dos fenômenos contemporâneos bem como carente de aprofundamentos e problematizações. Tal categoria, abordada no decorrer desse trabalho, demonstrou sua presença em toda a totalidade social, mesmo não tendo sido possível o tratamento particular da alienação no interior da burguesia, embora a decadência ideológica seja uma expressão a ser considerada.

Sinalizamos também como lacuna a ser preenchida em futuros trabalhos e cuja necessidade se fez sentida no processo de construção desta monografia, uma melhor fundamentação e investigação da categoria da imediatez, principalmente pela sua importância na vida cotidiana, cuja presença cada vez mais profunda tende a *cristalizar* as mediações no interior do processo teleológico e cuja lógica cada vez mais frenética do capitalismo contemporâneo tende a aprofundar.

Por fim, acreditamos que a tentativa de investigação aqui empreendida está longe de esgotar tais objetos de análise escolhidos, principalmente devido à complexidade que eles possuem. Todavia, acreditamos que as discussões aqui colocadas fornecem importantes apontamentos para os debates da profissão.

Em uma etapa do capitalismo que impõe tantas demandas à profissão e ao Ser Social, é de suma relevância buscarmos compreender ontologicamente

fenômenos que perpassam não só nossa profissão, mas também nossa sociabilidade e individualidade.

A vida cotidiana e sua correlação entre alienação e Serviço Social, se mostrou um instigante objeto de análise e o aprofundamento das questões que perpassam o sincretismo foram esclarecedoras nessa etapa final de formação profissional, contribuindo não só para a produção de conhecimento no Serviço Social, mas também para o fomento da busca contínua de uma prática profissional que fuja aos moldes alienadores de uma vida cotidiana empiricamente observada.

REFERÊNCIAS

GUERRA, Yolanda. A instrumentalidade do Serviço Social. 4. ed. São paulo: Cortez, 2005. 215 p. v. 1

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

IAMAMOTO, Marilda Villela. Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo, Cortez, 1983.

LUKÁCS, György. Estética 1: la peculiaridade de lo estético. Barcelona: Grijalbo, 1966a. s.d., v.1.

LUKÁCS, György. Marxismo e Teoria da Literatura. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, 296 p.

LUKÁCS, György. Para um ontologia do ser social volume 14. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

LUKÁCS, György. Para uma ontologia do ser social II. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARANHÃO, César. Uma peleja teórica e histórica: Serviço Social, sincretismo e conservadorismo. In: MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Angela. Cenários, contradições e pelejas no Serviço Social brasileiro. São Paulo: Cortez, 2016, p. 165-204.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Serviço Social. Identidade e Alienação. São Paulo: Cortez, 1991.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital [1867] (trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2013

MONTAÑO, Carlos. A natureza do Serviço Social: um ensaio sobre sua gênese, a “especificidade” e sua reprodução. São Paulo: Cortez, 2007.

NETTO, José Paulo. Capitalismo monopolista e Serviço Social. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NETTO, José Paulo. CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. Cotidiano: conhecimento e Crítica. 9. Ed. São Paulo, Cortez, 2011.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. Três notas sobre o sincretismo no Serviço Social. Serv. Soc. Soc. [online]. 2014, n.119, pp.531-559.